



Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus Araraquara

Daniela Regina da Silva Camargo

PREPOSIÇÕES EM TEXTOS DO GÊNERO NOTÍCIA NA
IMPrensa PAULISTA: NORMA E USO NO ÍNICIO DO SÉCULO
XX



Araraquara
-2010-

Daniela Regina da Silva Camargo

**PREPOSIÇÕES EM TEXTOS DO GÊNERO NOTÍCIA NA
IMPrensa PAULISTA: NORMA E USO NO ÍNICIO DO SÉCULO
XX**

**Monografia apresentada à UNESP – Universidade
Estadual Paulista para o curso de Letras, sob
orientação da professora Dr^a Rosane de
Andrade Berlinck.**

**Araraquara
2010**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.08
1 A IMPRENSA MAJORITÁRIA.....	p.09
1.1 O surgimento da imprensa no Brasil.....	p.09
1.2 A imprensa no estado de São Paulo.....	p.11
1.3 O <i>Combate</i>	p.13
1.4 O <i>Estado de São Paulo</i>	p.14
2 GÊNERO TEXTUAL.....	p.17
2.1. Um percurso histórico pelo conceito de gênero.....	p.17
3 O DOMÍNIO JORNALÍSTICO.....	p.19
3.1 Os gêneros do jornal.....	p.19
3.2 A notícia de jornal.....	p.21
3.2.1 História da notícia de jornal.....	p.21
3.2.2 Estrutura da notícia – Nilson Lage.....	p.23
4. METODOLOGIA.....	p.27
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	p.29
5.1 Observações gerais – O <i>Combate</i>	p.29
5.1.2 Uma análise mais específica dos dados – O <i>Combate</i>	p.29
5.2 Observações gerais – O <i>Estado de São Paulo</i>	p.32
5.2.1 Uma análise mais específica dos dados – O <i>Estado de São Paulo</i>	p.32
6 UMA ANÁLISE COMPARATIVA: O <i>Combate</i> e O <i>Estado de São Paulo</i> ..	p.36
CONCLUSÃO.....	p.38
BIBLIOGRAFIA.....	p.41
APÊNDICE A- O <i>Combate</i>	p.43
APÊNDICE B – O <i>Estado de São Paulo</i>	p.48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Uso de preposições segundo o tipo de verbo	p.30
Gráfico 2	Uso de preposições segundo a natureza do complemento	p.31
Gráfico 3	Uso de preposição segundo o tipo de verbo e o complemento lugar	p.31
Gráfico 4	Uso de preposições segundo o tipo de verbo	p.33
Gráfico 5	Uso de preposições segundo a natureza do complemento	p.33
Gráfico 6	Uso de preposição segundo o tipo de verbo e o complemento lugar	p.34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Frequência de uso da preposição <i>a</i> segundo o <i>tipo de predicator</i>	p.36
Tabela 2	Frequência de uso da preposição <i>a</i> segundo a <i>natureza do complemento</i>	p.37
Tabela 3	Frequência de uso da preposição <i>a</i> com complemento de <i>lugar</i> , segundo o <i>tipo de predicator</i> que o introduz	p.37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

D	Direção
M	Movimento
T	Transferência material
V	Transferência verbal
V	Interesse
A	Movimento abstrato
L	Lugar
B	Lugar abstrato
A	Ser animado
I	Ser inanimado
N	Noção abstrata
E	Evento
T	Tempo
X	Instituição
A	Anúncios
S	Notas sociais
A	Preposição “A”
P	Preposição “PARA”
E	Preposição “EM”
T	Preposição “ATÉ”
0	Preposição “A”
1	Outras preposições

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre processos de variação e mudança ocorridos com as preposições **a**, **até**, **em** e **para**, tomados como parâmetro para obter respostas em um contexto mais amplo, o do confronto entre *norma* e *uso* e entre *norma* e *variação lingüística*. Conduzimos o estudo com base em um *corpus* composto por todas as ocorrências das preposições em questão retiradas de *notícias* do jornal *O Combate* e *O Estado de São Paulo*. Considerando o objetivo central do estudo que é apresentar e descrever o uso dessas partículas em textos jornalísticos da *Imprensa Paulista*, os dados foram coletados e quantificados pela utilização do pacote estatístico GOLDVARB, e a interpretação dos resultados se baseou (i) em hipóteses relativas ao processo de variação no emprego das preposições e substituição de preposições fracas, como a preposição *a*, por preposições fortes (*para*, *em*, *até*), (ii) no confronto com a norma gramatical vigente na época, (iii) como também na busca pela existência de algum fator histórico que justifique a seleção de uma preposição em vez de outra. Entre as hipóteses, buscamos verificar a relação entre essas preposições e o tipo de predadores cujos complementos elas introduzem: de *direção*, de *movimento (concreto ou abstrato)* ou de *transferência (material e verbal/perceptual)*. A perspectiva teórica utilizada foi a sociolinguística laboviana (LABOV, 1972, 1994), que define a *variável lingüística* como uma representação de duas ou mais formas distintas de se transmitir um determinado conteúdo informativo, sendo necessário para defini-la os seguintes critérios: definir o número exato de variantes; estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece; elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

PALAVRAS CHAVES: sociolinguística laboviana; imprensa; preposição; variação.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection on processes of variation and change that occurred with the portuguese prepositions *a*, *até*, *em* and *para*, taken as a parameter for answers in a broader context, the confrontation between the norm and use and between standard and linguistic variation. We conducted the study based on a corpus composed of all occurrences of the prepositions in question removed news of the newspaper *O Combate* and *O Estado de São Paulo*. Whereas the main objective of the study is to present and describe the use of these particles in newspaper articles of the *Imprensa Paulista*, data were collected and quantified by using the statistical package GOLDVARB, and interpretation of results relied (i) assumptions regarding the process variation in the use of prepositions and prepositions replace weak, as the preposition *to*, for strong prepositions (*para*, *em*, *até*), (ii) in comparison with the grammatical rule in effect at the time, (iii) and in the search for the existence of some historical factor that justifies the selection of a preposition rather than another. Among the hypotheses, we investigate the relationship between these prepositions and whose kind of preachers they introduce supplements: the direction of motion (abstract or concrete) or transfer (material and verbal / perceptual). This theoretical perspective was the Labovian sociolinguistics (Labov, 1972, 1994), which defines the linguistic variable as a representation of two or more different ways to convey a certain information content, being necessary to define it the following criteria set exact number of variants to establish all the multiplicity of contexts in which it appears; develop a quantitative index for measuring the values of variables.

KEYWORDS: labovian sociolinguistics; press; preposition; variation.

INTRODUÇÃO

Vários estudos têm constatado que as preposições são elementos propensos a processos de variação e mudança, que podem chegar ao apagamento, substituição ou à especialização de sentidos (Guedes & Berlinck, 2003; Berlinck, 2003); além do que essas partículas assumiram um papel de grande importância na língua portuguesa e nas demais línguas românicas, sendo em grande parte, responsáveis pelo estabelecimento de relações sintático-semânticas no nível sentencial.

Dada a importância estrutural das preposições, a investigação de processos de variação e mudança que as envolva, à luz de uma perspectiva empírica que integre o interno e externo e reconheça a língua como uma realidade essencialmente social, se mostra de grande significação para o estudo da história da língua como uma realidade em constante transformação no tempo.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo descrever a variação das preposições em complementos de predicadores de *direção*, de *movimento com transferência* e de *transferência* (material e verbal/perceptual), em *notícias* publicados em jornais da imprensa paulista (*O Combate* e *O Estado de São Paulo*) durante as três primeiras décadas do século XX. Deste modo, determinamos quais são as preposições que introduzem o complemento dos predicadores selecionados e sua distribuição em termos de frequência, identificamos fatores de natureza linguística e extralinguística que pudessem explicar tal distribuição e determinamos em que medida essa distribuição revela padrões diferentes de uso em relação à norma vigente.

Para alcançar esse objetivo geral, definimos como objetivos específicos: (i) determinar qual ou quais são as preposições que introduzem o complemento dos predicadores selecionados e como se distribuem em termos de frequência; (ii) identificar que fatores de natureza linguística e extralinguística explicam essa distribuição; e (iii) determinar em que medida essa distribuição revela padrões diferentes de uso em relação à norma vigente.

1. SOBRE A CHAMADA *IMPREENSA MAJORITÁRIA*

1.1 O surgimento da imprensa no Brasil

A Imprensa Nacional nasceu por decreto do príncipe regente D. João, em 13 de maio de 1808, com o nome de Imprensa Régia e, a partir disso, “o Rio de Janeiro ficou sendo o único ponto em que se podiam imprimir livros no Brasil” (DUARTE, 1972, p.03). Apesar de ter iniciado com apenas dois rudimentares prelos e 28 caixas de tipos, a Imprensa Nacional ostenta uma singular história de serviços ao país, tanto em sua missão de registrar diariamente a vida administrativa do Brasil pelos Diários Oficiais, como por ser órgão de substantiva importância no plano cultural.

A história dos 200 anos dessa instituição pública, uma das mais antigas do País, confunde-se com a História do Brasil e pontua o desenvolvimento da informação e da cultura do país. Segundo Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil*,

coincidência interessante fez do aparecimento do Brasil na História e do da imprensa acontecimentos da mesma época, só nisso aproximados, porque a arte de multiplicar os textos acompanhou de perto, e serviu, a ascensão burguesa, enquanto a nova terra, integrada no mundo conhecido, iniciava a sua existência com o escravagismo. Se o impulso que deu aos portugueses o mérito de ocupar o Brasil estava ligado à expansão do capital comercial, foi ele responsável também pelo surto da arte gráfica na metrópole. (SODRÉ, 1999, p. 09)

O autor afirma, ainda, que

A imprensa surgira, finalmente, no Brasil – [...] sob proteção oficial, mais do que isso: por iniciativa oficial – com o advento da Corte de D. João Antônio de Araújo [...]. (SODRÉ, 1999, p. 19)

Sendo assim, foi a Imprensa Nacional que fez surgir a imprensa no Brasil, assim como o primeiro jornal *impresso* no país, a “Gazeta do Rio de Janeiro”, que era uma espécie de Diário Oficial da Coroa Portuguesa, em 10 de setembro de 1808. Entretanto, é importante ressaltar o fato de que o primeiro jornal brasileiro não se imprimiu no Brasil, e sim na Inglaterra. Segundo Paulo Duarte, o *Correio Brasiliense*, com número inicial datado a 1º de junho de 1808, publicado em Londres por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça – primeiro jornalista brasileiro -, era aqui impossibilitado de resistir às censuras e por isso sua publicação se deu no exterior (DUARTE, 1972, p.03).

Ao se iniciarem os trabalhos de impressão oficial, no Brasil, a “Gazeta do Rio de Janeiro” tornou-se responsável por transmitir as primeiras leis, alvarás, cartas régias, atos e diplomas legais, além de congratulações, odes, atos episcopais, orações, notícias originárias do exterior, compêndios literários, alcançando também o pioneirismo na área editorial. Segundo Sodré (1999, p.20):

jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado. Armitage¹ situou bem o que era a “Gazeta do Rio de Janeiro”: “Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume”.

Apesar disso, nos primeiros anos do surgimento da imprensa brasileira², foram criadas doze oficinas tipográficas em várias províncias do país. Isso torna inequívoca a plural importância da Imprensa Régia, que, além de dar origem à imprensa no Brasil, contribuiu para o avanço intelectual da civilização brasileira - através da circulação de idéias – e diretamente ligado ao avanço tecnológico e intelectual. É com base nisso que se justifica o surgimento tardio da imprensa no Brasil, já que até o final do século XIX a sociedade brasileira era marcada pela ausência da burguesia e do capitalismo. Sobre isso, Sodré (1999, p.01) nos diz que:

por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de idéias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações. Mas há ainda um traço ostensivo. [...] A ligação dialética é facilmente perceptível pela constatação da influência que a difusão impressa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos. [...] Em que pese tudo o que depende de barreiras nacionais, de barreiras lingüísticas, de barreiras culturais – como a imprensa tem sido governada, em suas operações, pelas regras gerais da ordem capitalista, particularmente em suas técnicas de produção e de

¹ Armitage, J. *História do Brasil*, São Paulo, 1914.

² Mais especificamente no período que diz respeito à “infância” da imprensa brasileira, que vai do seu surgimento até a Proclamação da República.

circulação – tudo conduz à uniformidade, pela universalização de valores éticos e culturais, como pela padronização do comportamento.

Talvez seja possível justificar a padronização da imprensa em relação à sociedade em que está inserida, com base no que Roberto Seabra, no livro *Imprensa e Poder* (2002), propõe como sendo as cinco fases de análise para o desenvolvimento do jornalismo no Brasil. A primeira dela refere-se ao “jornalismo literário” (ou opinativo e ideológico), marcado por jornais radicais e impressos na forma de panfletos e de vida efêmera, que tinham como donos políticos os líderes de movimentos conspiratórios, como os abolicionistas. Iniciou-se com o *Correio Brasiliense* e teve curso até 1880, quando começou o período do “jornalismo estético”, marcado por investimentos em parques gráficos e aquisição de papel. Nesse momento, o país começa a se urbanizar e a se industrializar e muitos dos grandes jornais de hoje, como *O Estado de São Paulo*, tiveram início nessa época.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, surge o que Seabra chama de “jornalismo utilitário”. Novos veículos são lançados – como, por exemplo, as revistas e o rádio –, o que muda o conceito de notícia, já que esta se torna mais ágil. Além disso, outras mudanças aparecem: o desenho do jornal deixa de ser feito na gráfica e passa para a redação e a linguagem jornalística se torna mais objetiva, por influência americana. Nas décadas de 60 e 70, emerge o “jornalismo interpretativo”, marcado pela valorização da reportagem e da figura do repórter, permitindo a retomada da narrativa e a elaboração de textos mais criativos. Aqui, recursos visuais são utilizados e o jornal fica colorido. Por fim, presenciamos o que o autor chama de “jornalismo plural” (também definido como multimídia), referente ao modelo atual, onde tudo se encontra mergulhado em modernizações como os computadores, a *internet*, *compact discs*, bancos de dados portáteis e redes nacionais de fibras ópticas.

Analisando, então, a transformação pela qual passou a imprensa brasileira, desde os seus primórdios até hoje - sempre se adaptando à evolução dos tempos e à realidade de seus consumidores, e atingindo com isso uma pluralidade de manifestações - é possível afirmar que o controle dos meios de difusão de idéias e de informações é realmente reflexo do desenvolvimento capitalista em que estes estão inseridos, assim como já nos disse Sodré (1999).

1.2 A imprensa no estado de São Paulo

Diz Paulo Duarte, em *História da Imprensa em São Paulo* (1972), que a imprensa paulista nasceu sob o signo da violência ou da coação. Isso acontece porque, mesmo não havendo contra ela uma censura legal, existiam duas forças arbitrárias que se opunham a essa imprensa: o poder político e o clero, ainda que o Brasil já fosse um país independente há muitos anos. Sendo assim, com relação à sua imprensa, o estado de São Paulo foi tratado como um “enteadozinho pouco querido”. (DUARTE, 1972).

Durante muito tempo os paulistas lutaram pela instalação de uma tipografia no estado e, ainda assim, o primeiro jornal surgido foi manuscrito. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Ministro da Fazenda, tinha autorizado, em 1822, o envio de uma tipografia com um impressor e dois tipógrafos para São Paulo. Entretanto, nenhum material foi realmente recebido e utilizado pelos paulistas. Por tal motivo, Antônio Mariano de Azevedo Marques, “O Mestrinho”, projetou um jornal manuscrito. E assim ele apresentava o problema – como nos diz Sodré (1999, p.87), em *História da Imprensa no Brasil* –, em junho ou julho de 1823:

Como, desgraçadamente, não tem sido possível à província de São Paulo obter um prelo para se comunicarem e disseminarem as idéias úteis e as luzes tão necessárias a um país livre, para dirigir a opinião pública, cortando pela raiz os boatos que os malévolos não cessam de espalhar para conseguir seus fins ocultos, é mister lançar mão do único meio que nos resta. Deverá pois ser suprida a falta de tipografia pelo uso de amanuenses, que serão pagos por uma sociedade patriótica, e aos quais incumbe escrever o número de folhas, que devem ser repartidas pelos subscritores no dia determinado para sua publicação.

Nasce, então, sob o processo medieval dos copistas, o jornal *O Paulista*, que teve apenas alguns meses de duração. Somente em 7 de fevereiro de 1827 é que aparece o primeiro jornal impresso em São Paulo. Foi *O Farol Paulistano*, dirigido por José da Costa Carvalho. Era um jornal liberal que contava com a colaboração de Antônio Mariano de Azevedo Marques, Odorico Mendes e Vergueiro. Além disso, Costa Carvalho foi responsável pela vinda para São Paulo de um jornalista que as lutas do tempo celebrizariam e sacrificariam (SODRÉ, 1999): Libero Badaró. Este era o responsável pela circulação, por volta de 1829, do segundo jornal paulista, *O Observador Constitucional*. Porém, com a morte de Badaró também tem fim o jornal.

Pode-se dizer que, segundo Duarte (1972), foi com esses dois primeiros jornais que a opinião pública de São Paulo tomou forma pela primeira vez, isto é, ambos os

jornais marcam a passagem de uma mentalidade colonial para uma mentalidade própria, nacional.

Depois disso, vários jornais de vida efêmera passam a existir, quase todos fundados e dirigidos por estudantes: *Correio Paulistano* (1831); *O Novo Farol Paulistano* (1831); *Voz Paulistana* (1831) e *O Federalista* (1832). Em 1834 surge *O Paulista Oficial*, primeiro diário do governo e substituído em 1838 pelo *Paulista Centralizador*.

Após a Proclamação da República nenhuma modificação profunda ocorreu na imprensa paulista. Logo após a proclamação do novo regime, vários jornais monarquistas surgiram, mas todos sem grande importância. Talvez o fato de maior relevância caiba à mudança de nome do jornal *A Província de São Paulo*, que passou a ser *O Estado de São Paulo*. A partir daí, diversos jornais surgiram na imprensa paulista, todos contribuindo para o seu crescimento e a sua estabilização. Assim, a ampliação deste meio de comunicação representa também uma evolução da sociedade na qual ele está inserido, sendo capaz de determinar o modo de organização desta sociedade, já que a evolução de um é sempre acompanhada pela evolução do outro.

1.3 O Combate

O jornal *O Combate* é de extrema importância, principalmente pelo longo e constante período de publicação (de 1915 a 1930), além de sua efetiva atuação no cenário social e político da cidade de São Paulo. Fato marcante foi uma das maiores greves sucedidas no país, em 1917, no estado de São Paulo, durante a qual *O Combate* atuou de forma muito relevante na discussão e caracterização de tal movimento, a fim de satisfazer as necessidades dos leitores da imprensa paulistana. Esse posicionamento projetou o jornal para um nível de difusão semelhante aos demais jornais importantes da capital.

Quanto ao seu surgimento, *O Combate* foi fundado pelos irmãos Acilino e Nereu Rangel Pestana, filhos de Francisco Rangel Pestana, homem eminente no cenário jornalístico paulistano, sobretudo por ter sido um dos fundadores da *Província de São Paulo*. Antes do surgimento de *O Combate*, Nereu já atuava no meio jornalístico, ficando conhecido pela série de artigos políticos publicados em *O Estado de São Paulo* sobre o início do governo Altino Arantes, que ele assinava com o pseudônimo de Ivan Subiroff. Apesar do seu sucesso na direção de *O Combate*, Nereu passou o posto para

outro irmão, Ludolfo Rangel Pestana, em 1926. A saída de Nereu, aliada à morte de Acilino, modifica as orientações do jornal, que não tinha inicialmente por característica o compromisso de apoiar o governo. Com a saída de Ludolfo, em 1930, *O Combate* foi arrendado para o Partido Republicano, tornando-se um órgão difusor dos ideais desse partido.

No entanto, a Revolução de 1930, que dividia a cidade de São Paulo entre aliados e opositores do governo, provocou sérias consequências também para os jornais da época que defendiam a causa republicana. Assim, com a vitória da Aliança Liberal, todos os órgãos aliados ao Partido Republicano foram empastelados pelo povo, entre eles, *O Correio Paulistano*, *A Gazeta*, *A Fôlha da Manhã* e *O Combate* – que desapareceu definitivamente do contexto jornalístico da capital.

Os exemplares de *O Combate* que serviram de fonte para a análise do fenômeno de variação de preposições correspondem às edições publicadas no ano de 1918.

1.4 O Estado de São Paulo

Com três dias de atraso saiu às onze horas de 4 de janeiro de 1875, a primeira publicação de *A Província de São Paulo*, fundado por Rangel Pestana e Américo de Campos, com gerência de José Maria Lisboa e na redação Lúcio Mendonça, Gaspar da Silva e Joaquim Taques.

Inicialmente *A Província de São Paulo* não possuía venda avulsa, vivia de assinaturas e de anúncios, como de casas comerciais, de falecimentos, de missas, de espetáculos de teatro, entre outros. Entretanto, em 23 de janeiro de 1876 o jornal decidiu colocar o impressor Bernard Gregoire nas ruas tocando buzinas para vender avulsamente os exemplares publicados. A população depreciou tal ato, por considerá-lo uma iniciativa à “mercantilização da imprensa” (SÓDRE, 1999, p.226); não se percebia que tal mercantilização já ocorria. Em seguida os demais jornais da época seguiram a inovação; surgem, então, os jornaleiros e as bancas.

Com a eleição de Rangel Pestana para o Senado, Júlio de Mesquita passou de redator a diretor, assumindo assim, as diretrizes políticas do periódico que acabava de entrar para a campanha pela Abolição e pela República.

A respeito dessa época Sodré (1999, p.241) afirma:

Essa não é apenas uma grande época política; não por coincidência, é também uma grande época literária. O desenvolvimento das letras, no

Brasil, acelera-se com a fundação dos cursos jurídicos, com o início das atividades públicas, do governo, da administração, de legislação, com o surto da imprensa.

Em 1884 o jornal assume totalmente a posição republicana, e, no mesmo ano, José Maria Lisboa abandona a gerência para fundar o *Diário Popular*, juntamente com Américo de Campos. No dia primeiro de janeiro de 1890 ocorre a alteração do nome *A Província de São Paulo* para *O Estado de São Paulo*.

No dia 14 de julho de 1917, ano da grande greve da cidade de São Paulo, ocorreu na redação do *Estado de São Paulo* o “Apelo dos Jornalistas” (SODRÉ, p.316) ao Comitê de Defesa Proletária constituído pelos grevistas, para que os operários se reunissem com os patrões e com representantes do governo. O apelo foi assinado por vários membros de jornais, como Valente de Andrade representando o *Jornal do Comércio*, Nereu Pestana de *O Combate*, Nestor Pestana e Amadeu Amaral pelo *Estado de São Paulo*, entre outros.

Em 1926 ocorre a fundação do Partido Democrático, organização oposicionista, que teve como divulgadores os seguintes jornais: *O Estado de São Paulo*, *Folha da Manhã*, *São Paulo Jornal*, *Diário da Noite* e *O Combate*. No ano seguinte falece Júlio de Mesquita, e o jornal passa a ter como diretor-presidente Armando Sales Oliveira; Francisco de Mesquita, Júlio de Mesquita Filho, Carolino da Mota e Silva, Antônio Mendonça e Carlos Vieira de Carvalho como diretores; Plínio Barreto como redator-chefe e Ricardo de Figueiredo como gerente.

Já em 1929 *O Estado de São Paulo* apoiava a “Aliança Liberal” juntamente com o *Diário Nacional*, o *Diário de São Paulo* e *A Praça de Santos*, apoio que também ocorria nos demais estados do país.

O terceiro decênio do século representou um período de grande desenvolvimento da imprensa como um todo, principalmente no que diz respeito à consolidação da estrutura empresarial, isto é, os jornais e revistas de vida efêmera se tornaram raros nessa época (SODRÉ, 199, p.371).

Em 1961 *O Estado de São Paulo* já se assemelha com o formato que hoje conhecemos, ou seja, um jornal volumoso e repleto de publicidade, o que nos faz acreditar que, na medida em que o potencial financeiro dos grandes jornais foi aumentando, aumentaram-se também suas edições, o que para Sodré (1999, p. 415) “não os obriga, de forma alguma, a informar muito e, ainda menos, a informar bem”.

Pelo pouco que foi apresentado, pode-se notar a importância do jornal *O Estado de São Paulo*, principalmente por dois fatores: seu amplo período de publicação, perdurando até os presentes dias, como também sua atuação no cenário político e social da época, sendo, por exemplo, responsável pelo impulso inicial que originou as primeiras bancas de jornal no país. Dessa maneira, *O Estado de São Paulo* compõe um meio de comunicação de grande influência social, política e publicitária, atuando ainda, como um ambiente para expressão da norma (lingüística) prescritiva, aquela presente nas gramáticas pedagógicas, e representando uma forma de registro escrito que nos possibilita encontrar formas lingüísticas inovadoras.

2 GÊNERO TEXTUAL

2.1 Um percurso histórico pelo conceito de gênero

Especulações acerca do termo *gênero* remetem-nos à antiguidade greco-latina, onde encontramos a menção mais antiga na *República* de Platão e, posteriormente, na *Poética* de Aristóteles.

Para Platão, os gêneros se dividem em três partes: a primeira corresponderia ao teatro, isto é, à tragédia e à comédia, a segunda à poesia lírica (ditirambo) e a terceira à poesia épica. Posteriormente, Aristóteles se refere às expressões poéticas, à epopéia, à tragédia, à comédia, ao ditirambo, à aulética e à citarística, como diferentes gêneros, dando maior enfoque ao exame da comédia e da tragédia (SILVEIRA, 2005).

Na Idade Média, apesar de escassa literatura sobre o tema, contamos com a criação de novos gêneros, como por exemplo, o romance de cavalaria. Já no Renascimento, mantiveram-se as formas fixas, isto é, os gêneros já estabelecidos, que, com o Romantismo, perderam sua rigidez, admitindo a mistura de gêneros, que originou os chamados gêneros “impuros” (SILVEIRA, 2005, p.51).

Dentre todas as teorizações a respeito do gênero, há de se destacar a contribuição de Mikhail Bakhtin. Para esse autor, a língua, por seu caráter sócio-histórico, se materializa entre os indivíduos socialmente organizados, que assim passam a produzir enunciações, isto é, produtos da interação locutor-ouvinte.

Para Bakhtin (1953), a língua se realiza em enunciados concretos e únicos, e esses enunciados refletem as esferas de comunicação, sendo que cada uma dessas esferas de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, chamados *gêneros do discurso*.

As teorias modernas, na busca por conceitualizar o gênero, apresentam controvérsias. A concepção literária tradicional compreende os gêneros literários como *tipos de texto*, caracterizados assim, por uma repetibilidade. Outras abordagens concebem os gêneros literários como *tipos essenciais de discurso (gêneros de discurso)*, ou seja, entidades dinâmicas e não modelos estanques, estruturas rígidas.

Perpassado esse pequeno esboço histórico a respeito do gênero, torna-se importante reconhecer a pertinência do assunto, que atualmente compõe um estudo multidisciplinar e de extensa bibliografia.

O estudo dos gêneros nos permite uma análise da língua em seu funcionamento, assim como estabelece relações entre a linguagem e as atividades humanas. Marcuschi,

estudioso da área, considera os gêneros como uma forma de ação social e cultural, ao mesmo tempo em que os analisa como um fenômeno linguístico: “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.” (MARCUSCHI, 2005, p.154).

3 O DOMÍNIO JORNALÍSTICO

3.1 Os gêneros do jornal

Falar em gêneros jornalísticos é uma tarefa complexa. Os estudos são recentes e não encontramos neles definições muito claras.

O primeiro teórico a tratar desta questão foi Samuel Buckeley (*apud* MELO, 1985), que no início do século XVIII (1702, Inglaterra) iniciou a classificação dos gêneros jornalísticos ao dividi-los em *news* e *comments*. A partir de então, juntamente com as transformações culturais e tecnológicas, o conteúdo jornalístico vem se adaptando e moldando-se de acordo com as necessidades de cada época.

Melo (1985) afirma que o jornalismo mundial não pode ser caracterizado por uma entidade unificada, sendo que há muitos aspectos formais que distinguem os diversos jornalismo; podemos citar a imprensa estadunidense que utiliza dois gêneros principais, *comment* e *story*, diferentemente dos latinos que trabalham com mais de dois gêneros.

Para Martinez de Souza (*apud* MELO, 1985), outro estudioso da área, como consequência de o jornalismo não ser uma entidade unificada, temos a superposição entre os gêneros e suas categorias. Faz-se necessário, então, distinguir *gênero* de *categoria*. Historicamente, há duas categorias de trabalhos jornalísticos: o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo, que surgiram da necessidade de se diferenciar os fatos (*news*) de suas versões (*comments*). Segundo Kindermann (2003, p.38):

As categorias do jornalismo são comumente associadas com os gêneros jornalísticos, por vezes equivalendo a eles. Contudo, em uma visão sistêmica [...] pode-se interpretar que tais categorias induzem ao surgimento de determinados gêneros, mas não equivalem aos gêneros nem as categorias dos gêneros propriamente. O editorial, por exemplo, não incorpora somente o objetivo de opinar, mas o objetivo de transmitir a opinião da cúpula do jornal de modo a exercer, como gênero, um papel central na organização do próprio jornal.

Dentro do estudo dos gêneros jornalísticos, temos estudiosos como Gargurevich e Foillet, que se prenderam, em sua teorização, somente à maneira como a linguagem é utilizada para que a informação chegue até público, isto é, ao *estilo*.

Para Gargurevich (*apud* KINDERMANN 2003), gêneros jornalísticos são formas que o jornalista busca para se expressar; prendem-se assim ao estilo, ao modo com que a linguagem é trabalhada. Já Foillet (*apud* KINDERMANN, 2003), acredita

que as diferenças entre os gêneros surgem da correlação que há entre os textos escritos e os “gostos” do leitor.

Definições que se atêm somente ao estilo, ou seja, à maneira como a linguagem deve ser utilizada pelo jornalista/profissional ao escrever o texto jornalístico, que segundo Melo (1985) representam formas de expressão do cotidiano, não esclarecem o que seja os gêneros jornalísticos, visto que trabalham apenas com a classificação desses gêneros e dessa maneira tal classificação limita-se a universos culturais delimitados.

No Brasil, destaca-se o trabalho de Beltrão (*apud* MELO, 1985), que sistematizou o estudo dos gêneros jornalísticos no âmbito do jornalismo nacional. Para ele, há três categorias do gênero jornalístico: *jornalismo informativo* (notícia, reportagem, história de interesse humano, informação pela imagem), *jornalismo interpretativo* (reportagem em profundidade) e *jornalismo opinativo* (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

O critério adotado por Beltrão é visto por Melo (1985) como funcional, pois a classificação dos gêneros ocorre de acordo com as funções que desempenham junto ao público leitor, isto é, informam, explicam e orientam. Entretanto, Melo (1985) diz que quanto à especificidade do gênero, tal classificação obedece ao censo comum e não se atem ao estilo, à estrutura narrativa e à técnica de codificação. Dessa maneira, não há razões para segmentar em dois gêneros distintos *reportagem* e *reportagem em profundidade*, como também dissociar recursos que informam através de imagens do texto, pois fotografias ou desenhos são identificáveis como notícias ou como reportagens.

Discordando de Beltrão, Melo acrescenta que o que vai caracterizar um gênero jornalístico não é o código, mas sim “o conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para seu público” (MELO, 1985, p.46).

Baseando-se nos estudos de Beltrão, Melo (1985) propõe outra classificação que se baseia nos seguintes critérios: a intencionalidade, a reprodução do real e a leitura do real.

A reprodução do real resulta da observação da realidade e a descrição do que interessa à instituição jornalística, já a leitura do real diz respeito à análise da realidade e sua respectiva avaliação. O autor acredita que a natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos constitutivos do texto jornalístico representa uma “articulação que existe do ponto de vista processual entre acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)” (MELO, 1985,

p.64). Dessa forma, diferencia a natureza dos gêneros da categoria informativa dos da categoria opinativa.

A respeito de tal classificação, Kindermann (2003, p.34) traça o seguinte paralelo:

A necessidade que as pessoas têm de se informarem fez com que o jornalismo se articulasse em função da informação e da opinião. Por isso o relato jornalístico assume duas modalidades: a descrição dos fatos e a versão dos fatos, necessitando estabelecer fronteiras entre a descrição e avaliação do real.

Para os de natureza informativa, a expressão dos gêneros correspondentes ao *universo da informação* independe da instituição jornalística, estando relacionados à *eclosão e evolução* dos acontecimentos, como também da relação existente entre os profissionais/jornalistas com seus protagonistas.

Quanto aos de natureza opinativa, a estrutura do texto é determinada pela instituição jornalística. Tem-se então, para as duas categorias, os seguintes gêneros: *jornalismo informativo* (nota, notícia, reportagem, entrevista) e *jornalismo opinativo* (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta).

Segundo Bonini, falta, dentro dos estudos sobre os gêneros jornalísticos, uma explicação geral dos princípios de organização do jornal e de seus gêneros, isto é, uma sistematização. Propõe assim, que os gêneros jornalísticos devem ser tratados a partir do processo de textualização do jornal. O autor responde a questão que permeia todos os estudos citados: o que poderia ser considerado gênero em um jornal? Para ele “se trata de um conjunto de parâmetros de textualização que, em função do hiper-gênero (o jornal), estruturam um propósito comunicativo (noticiar, opinar, criticar, localizar), linearizando uma unidade textual identificável em sua totalidade” (BONINI *apud* KINDERMANN, 2003, p. 36).

Bonini (*apud* KINDERMANN, 2003) acredita que os gêneros que integram o jornal são aqueles que em *relativa estabilidade e autonomia* respondem a dois critérios: atendem aos propósitos comunicativos do jornal, relatando os fatos e informações recentes bem como os interpretando, e assim desencadeiam processos opinativos que devem estar de acordo com a instituição a qual o jornal pertence.

3.2 A notícia de jornal

3.2.1 História da notícia

Na Idade Média, as informações a que a população poderia ter acesso provinham da Igreja, que as disponibilizava em decretos, proclamações, exortações e sermões. Entretanto, a história nos mostra que não somente a Igreja informava, já que existiam “circuitos paralelos de boatos e testemunhos” (LAGE, 2009, p.8). Outros escritos, como as crônicas da vida cotidiana e pequenos trechos de obras da literatura clássica chegavam a levar décadas para cruzar a Europa.

O quadro acima apresentado começa a mudar, a partir do século XIII, com a expansão da atividade comercial, pois, juntamente com as mercadorias, chegavam também técnicas e informações.

As transformações na maneira de informar ocorreram, principalmente, pela acumulação do capital, que proporcionou uma maior organização social e, conseqüentemente, um aumento no número de letrados. Dessa forma, os chamados *avvisi* já poderiam ser colocados nos muros em cópias manuscritas, que agora provinham dos banqueiros e dos comerciantes e não mais dos duques e/ou bispos (LAGE, 2009).

Tal ciclo promissor de comércio decaiu em meados do século XV por causa do corte das vias de comércio com o Oriente; passou-se, então, a utilizar outro caminho entre a Europa e a Ásia, a partir dos burgos da Alemanha. E foi ali, em um território chamado Mogúncia, que Johannes Gutenberg imprimiu a Bíblia em 1452. Lage nos diz sobre isso que “a tecnologia gráfica resultou seguramente do comércio asiático” (2009, p.9).

Com a colonização da América e a expansão do comércio oceânico com o Oriente, ocorreu o impulso seguinte, que resultou em uma grande acumulação de capital, principalmente devido ao ouro e à prata oriundos das colônias. Nessa época, “as línguas nacionais ganhavam magnitude, impostas, a partir dos centros de poder, sobre províncias condenadas a ter seus idiomas reduzidos a dialetos” (LAGE, 2009, p.10).

E foi nesse contexto que apareceu a imprensa periódica; o primeiro jornal circulou em Bremen (Alemanha), em 1609. Segundo Lage:

Nos primeiros jornais, a notícia aparece como fator de acumulação de capital mercantil: uma região em seca, sob catástrofe, indica que certa produção não entrará no mercado e uma área extra de consumo se abrirá [...]. (2009, p.10)

A burguesia utilizou-se do jornal para derrubar os palácios. A Igreja e o Estado tentaram contê-la com a censura e o índice. Entretanto, mais tarde os aristocratas fundaram seus próprios periódicos: “Foram anos e anos de intensa luta política, em que a informação aparecia como tema de análise dos publicistas, da denúncia dos panfletários, do puxa-saquismo dos escritores cortesãos” (LAGE, 2009, p.10-11).

No período que vai do século XVII ao XIX, os publicistas e panfletários viveram sob a ação de tribunais e sistemas de controle, como as cartas de monopólio, imposto do selo, taxação de papel e da publicidade, entre outros. A burguesia impunha aos trabalhadores jornadas de até 18 horas para homens, mulheres e crianças por salários míseros. E nesse contexto surgem os romances de Charles Dickens, *Os miseráveis* de Victor Hugo e as idéias socialistas.

Na última metade do século XIX, com o próprio impulso da Revolução Industrial, a censura foi derrubada, e alguns fatores contribuíram fortemente para isso: primeiro, o surgimento efetivo de um mercado para os jornais, formado por trabalhadores que aprendiam a ler (operadores de máquinas, mestres de ofícios, entre outros, formando assim um público importante, pois se tornavam formadores de opinião em seu meio ainda repleto de iletrados; o segundo deles corresponde à chegada das máquinas e organização da produção do capitalismo industrial aos jornais, que transformou o empreendimento jornalístico em empresarial baixando os custos por exemplar; o terceiro deles diz respeito à publicidade, que passa a custear a maior parte da despesa editorial, pois, com a crescente onda de consumo, o público deveria ser informado da oferta de bens e convencido a consumir (LAGE, 2009).

O jornal-empresa passa a abarcar diversas opiniões, entretanto, seu caráter não revolucionário fica garantido por dois motivos: “deve remunerar o capital apreciável nele investido e tira sua renda basicamente da veiculação de bens materiais e ideológicos produzidos por entidades de característica semelhante” (LAGE, 2009, p.13).

A notícia termina por ser a principal matéria-prima do jornal, adaptando-se aos padrões industriais, por meio da técnica da reprodução, restrições do código linguístico, isto é, articulando-o de acordo com o público a ser atingido, e por possuir uma estrutura relativamente estável.

2.2.2 Estrutura da notícia

Se pensarmos em termos de estrutura, a notícia pode ser definida, na concepção moderna, “como um relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou

interessante” (LAGE, 2009, p.17), ressaltando que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas sim de expô-los.

Na notícia jornalística, diferentemente da narrativa tal como conhecemos, a ordenação dos eventos ocorre por ordem decrescente de importância ou interesse, na perspectiva de quem conta e na suposta perspectiva de quem ouve.

Segundo Lage (2009, p.22-23), no processo de produção de uma notícia estão envolvidos três processos: *a seleção dos eventos*, *a ordenação dos eventos* (a atenção do interlocutor se fixará a partir do evento mais importante ou interessante, os demais vão aparecer em uma ordem determinada pela motivação do principal) e a *nomeação* (onde estão envolvidos compromissos e sutilezas que dependerão do que se deseja transmitir ao leitor; por exemplo, em um contexto de um relato de morte, a palavra “corpo” seria pouco específica no contexto, a palavra “defunto” poderia dar um relativo drama, já a palavra “presunto” desqualificaria socialmente o sujeito, na ótica do interlocutor).

Pode-se dizer que o universo das notícias é o das “aparências do mundo”, que ocorre a partir do uso reduzido e/ou limitado dos recursos do sistema linguístico, restringindo palavras e expressões (o léxico) e regras gramaticais (os operadores). Dessa maneira, o que é noticiado não permite um amplo conhecimento das coisas, dos acontecimentos, “por detrás das notícias corre uma trama infinita de relações dialéticas e percursos subjetivos que elas, por definição, não abarcam” (LAGE, 2009, p.24).

O jornalismo noticioso concebe restrições mais gerais, o que se reflete assim na linguagem que emprega, sobretudo no emprego de vocabulário e construções gramaticais os mais coloquiais possíveis, nos limites do que é considerado “socialmente correto” e adequado ao público a que se destina. Diferentemente da publicidade, que possui uma retórica conotativa, a notícia é referencial, por isso trata das aparências do mundo, excluindo conceitos que expressam subjetividade, como afirma Lage (2009, p.26):

[..] não é notícia o que alguém *pensou*, *imaginou*, *concebeu*, *sonhou*, mas o que alguém *disse*, *propôs*, *relatou* ou *confessou*. É também axiomática, isto é, afirma-se como verdadeira: não argumenta, não conclui nem sustenta hipóteses. O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro.

Ainda para a notícia, não basta *ser* verdadeiro, é de extrema importância *parecer* verdadeiro; surge daí a aversão a referências imprecisas, é necessário cumprir - como veículo de massa – um efeito de realidade.

O primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso é chamado de *lide*, e seu conteúdo corresponde ao relato do fato principal, onde é apresentado o que é mais importante ou interessante. É uma proposição completa e contém, segundo Lage (2009, p.28):

- a) o sujeito, uma locução, constituída de um nome, pronome ou sintagma nominal (LN₁);
- b) o predicado, ou seja, o *sintagma verbal* (LV), verbo ou locução verbal, acompanhado ou não de seu complemento, um *objeto direto* (LN₂) ou *indireto* (kLN₃). O símbolo *k* representa a preposição;
- c) as circunstâncias, ou *sintagmas circunstanciais* (LC) de tempo, lugar, modo/instrumento, causa/consequência.

O complemento do *lide* é chamado de *documentação*, que pode estar em um ou em vários parágrafos. A *documentação* “detalha e acrescenta informações sobre a ação verbal em si, os sintagmas nominais, os sintagmas circunstanciais ou quaisquer de seus componentes.” (LAGE, 2009, p.29).

Em síntese, o *lide* informa *quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê*, enquanto a *documentação* é formada por proposições adicionais sobre cada um desses termos.

O *lide* obedece a restrições verbais específicas quanto ao aspecto, que pode ser *perfectivo* (que terminou ou terá terminado de acontecer) ou *imperfectivo* (aquele que não se sabe se terminou ou terá terminado, são verbos que indicam ação continuada ou frequentativa). O verbo central do *lide*, o que informa sobre a transformação ocorrida, é *perfectivo*. Isso significa, segundo Lage (2009, p.30), que o *lide* aparecerá:

- a) no pretérito perfeito, se a notícia é de fato acontecido;
- b) no futuro ou no futuro próximo (presente pelo futuro), se a notícia anuncia fato previsto;
- c) muito raramente no presente, mesmo na narrativa concomitante (de um repórter, na rádio ou televisão); nesse caso, costuma ser modulado por verbo ou advérbio (“...acaba de cair a chuva”; “...derruba o adversário agora”).

Exemplo de notícia:

O vapor nacional "Taquary" foi torpedeado por um submarino

→ Lide

Morreram sete brasileiros e um português

→ Documentação

O vapor brasileiro «Taquary», em viagem do Havre para Cardiff, foi atacado e torpedeado por um submarino alemão, no dia 31 de Dezembro, cerca das 9 horas, nas proximidades de New-Quay.

O navio conseguiu chegar a Cardiff, na manhã de hontem, tendo perecido afogados, por se terem lançado ao mar, logo que se deu torpedeamento, o segundo machinista João Dias da Silva, os carvoeiros Francisco e Luiz do Nascimento, Firmino Coutinho da Silva e José Alberto dos Santos; o foguista João Zunguinho; os tailfeiros Floro de Oliveira Guimarães e Antonio José Ferreira, todos brasileiros e o mestre José Fernandes Pereira Junior, português.

A excepção do cozinheiro Joaquim de Aquino, que ficou gravemente ferido, o restante da tripulação está passando bem.

O vapor «Taquary» deixou o Rio de Janeiro no dia 26 de Outubro, com carregamento de varios generos destinados ao Havre, fazendo escala por Santos, onde chegou a 28. Ahi, depois de completar o carregamento, partiu no dia immediato para o Havre.

O «Taquary» pertencia á Companhia Commercio e Navegação. Era seu commandante o sr. Benjamin Francisco da Rocha.

(In: O Combate, 02 de Janeiro de 1918, pág. 01)

Apresentadas as principais características da notícia, podemos dizer que ela se restringe ao anúncio e à cobertura de fatos que não ultrapassam o interesse do grupo de leitores a que se destina a publicação (LAGE, 2009).

4 METODOLOGIA

Considerando o fato de que desde o início da história da língua portuguesa, como também das demais línguas românicas, as preposições têm se mostrado uma classe propensa à variação (cf. Câmara Jr., 1975), o presente estudo se propõe agora a analisar a variação entre essas preposições em *notícias* dos jornais *O Combate* (1918) e *O Estado de São Paulo*.

Pode-se dizer que *O Combate* representa um jornal de grande importância dentro do cenário jornalístico devido ao seu longo e constante período de publicação (1915-1930), como também devido ao seu envolvimento político e social, que pode ser ilustrado com sua participação nas discussões a respeito da grande greve do estado de São Paulo ocorrida em 1917.

Já o jornal *O Estado de São Paulo* teve seu primeiro exemplar publicado em 1875, sob o nome de *A Província de São Paulo*. Inicialmente este periódico teve sua existência garantida pelas assinaturas e anúncios publicitários. Contudo, em 23 de janeiro de 1876, a direção do jornal inicia a chamada “mercantilização da imprensa”, quando decide por colocar um impressor nas ruas para vender avulsamente os exemplares publicados, o que foi o primeiro passo para o surgimento dos jornaleiros e, consequentemente, das bancas.

Desta forma, podemos destacar a importância de *O Estado de São Paulo* devido a seu amplo período de publicação, como também por representar um meio de comunicação de grande influência social, política e publicitária, atuando ainda, como um ambiente para expressão da norma (lingüística) prescritiva, aquela presente nas gramáticas pedagógicas, e representando uma forma de registro escrito que nos possibilita encontrar formas lingüísticas inovadoras.

Para a análise do estudo em questão, foram selecionadas quatro preposições – **a**, **até**, **em** e **para**, por ter se constatado em estudos anteriores (GUEDES & BERLINCK, 2003; BERLINCK, 2007) que tais preposições podem alternar nos mesmos contextos. A partir das cópias do jornal *O Combate* e *O Estado de São Paulo*, foram coletadas todas as ocorrências de complementos preposicionados dos predicadores selecionados nas *notícias*, *notas sociais* e textos publicitários publicadas nos jornais em questão. Esses dados foram posteriormente analisados, levando-se em conta:

- (i) a natureza semântica do predicator, se de *direção*, de *movimento* ou de *transferência*, e, nesse último caso, o tipo de transferência significada;
- (ii) a natureza semântica do complemento (se denota um lugar, um ser animado e, em especial, humano, ou uma outra entidade que não se enquadre nessas características).

A análise segue os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística laboviana (Labov 1972, 1994). As informações assim obtidas foram tratadas estatisticamente, por meio da utilização do pacote estatístico GOLDVARB. A interpretação dos resultados da análise de dados se baseou: (i) em hipóteses relativas ao processo de variação no emprego das preposições e substituição de preposições fracas por preposições fortes; (ii) na busca pela existência de algum fator histórico que justifique a escolha de uma preposição por outra; (iii) na relação das preposições selecionadas com o tipo de predadores cujos complementos elas introduzem, com a natureza semântica do complemento – se denota um lugar, um ser animado e, em especial, humano, ou uma outra entidade que não se enquadre nessas características, e com o gênero textual em que ocorrem; (iv) no confronto entre *norma* e *uso* e entre *norma* e *variação linguística*.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Observações gerais – *O Combate*

Assim como explicitado anteriormente, este trabalho tem como um de seus primeiros objetivos determinar qual ou quais são as preposições que introduzem o complemento dos predicadores selecionados e como se distribuem em termos de frequência. Quanto a isso, podemos afirmar que, das quatro preposições selecionadas para este estudo (**a**, **até**, **em** e **para**), foi a preposição **a** que apresentou maior número de ocorrências, em todos os tipos de verbos analisados.

Com o jornal *O Combate* obtivemos 55 casos recolhidos de exemplares do ano de 1918. Destes 55 casos, 44 apresentaram a preposição **a**, 10 a preposição **para** e 01 a preposição **até** (cf.1).

(01) Funcionarios da hygiene paulista eram destacados para Recife e para o Rio, viajavam nos vapores **até Santos** [...]. (*Combate*, p.01, 01/11/1918 – A “influenza hespanhola” em São Paulo)

Assim, temos uma porcentagem de 81,5% referente aos 44 casos de preposição **a**, 18,5% referente aos casos de preposição **para**. O conjunto de todos os dados analisados encontra-se no apêndice deste relatório.

A análise mais específica dos dados se restringirá as preposições mais produtivas, ou seja, **a** e **para**.

5.1.2 Uma análise mais específica dos dados – *O Combate*

Ao observarmos a distribuição em termos de frequência da preposição **a** em relação aos *tipos de verbo* selecionados, podemos notar a predominância desta. Entretanto, esses valores são maiores quando relacionados com os verbos de *transferência verbal e material* e *movimento com transferência*. Já o predador de *movimento abstrato* apresentou somente dois dados, ambos com a preposição **para**.

Ao tratarmos dos verbos de *direção* encontramos uma menor porcentagem de uso da preposição **a** (50%), indicando que esse tipo de verbo é mais permeável à variação, assim como vemos na gráfico 1.

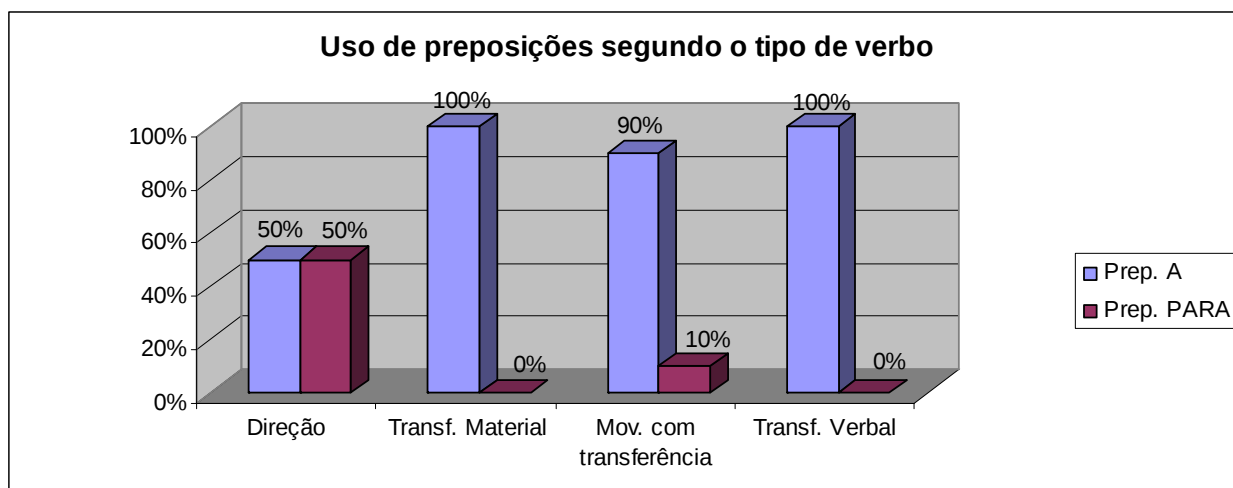


Gráfico 1. Uso de preposições segundo o tipo de verbo³

Quanto à *natureza do complemento*, a análise desse grupo de fatores nos mostrou que o complemento de referência de lugar é o ambiente com maior propensão à variação. Este complemento apresentou 24 ocorrências, sendo 67% correspondentes à preposição **a** e os demais 33% à preposição **para**, como mostram os índices no gráfico 2:

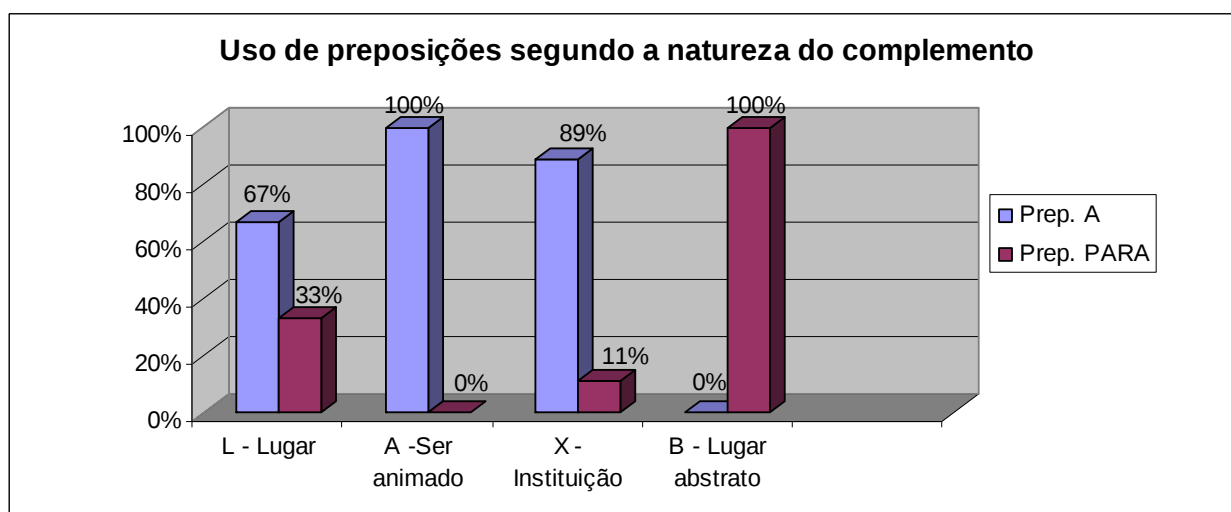


Gráfico 2. Uso de preposições segundo a natureza do complemento⁴

³ O gráfico 1 se baseia num total de 54 ocorrências, que estão distribuídas da seguinte maneira: 14 ocorrências de verbo de *direção*, 16 ocorrências de verbo de *transferência material*, 10 ocorrências de verbo de *movimento com transferência* e 12 ocorrências de verbo de *transferência verbal*.

⁴ O gráfico 1 se baseia num total de 54 ocorrências, que estão distribuídas da seguinte maneira: 24 ocorrências do complemento de *lugar*, 14 ocorrências do complemento *ser animado* e 09 ocorrências do complemento *instituição*.

Em relação ao *tipo de verbo* e à *natureza do complemento*, os dados analisados nos mostram a predominância da preposição **a**.

Para melhor exemplificarmos contextos mais favoráveis a variação, o cruzamento dos grupos de fatores *tipo de verbo* e *natureza do complemento* nos demonstrou que a variação se encontra com os verbos de *movimento com transferência* e com os de *direção*; quanto aos complementos destacam-se o de *lugar* e *ser animado*.

Ao voltarmos nossa atenção para os dados de complemento de *lugar*, que apresentaram índices significativos de variação, temos as seguintes frequências, quando relacionados com o *tipo de verbo*:

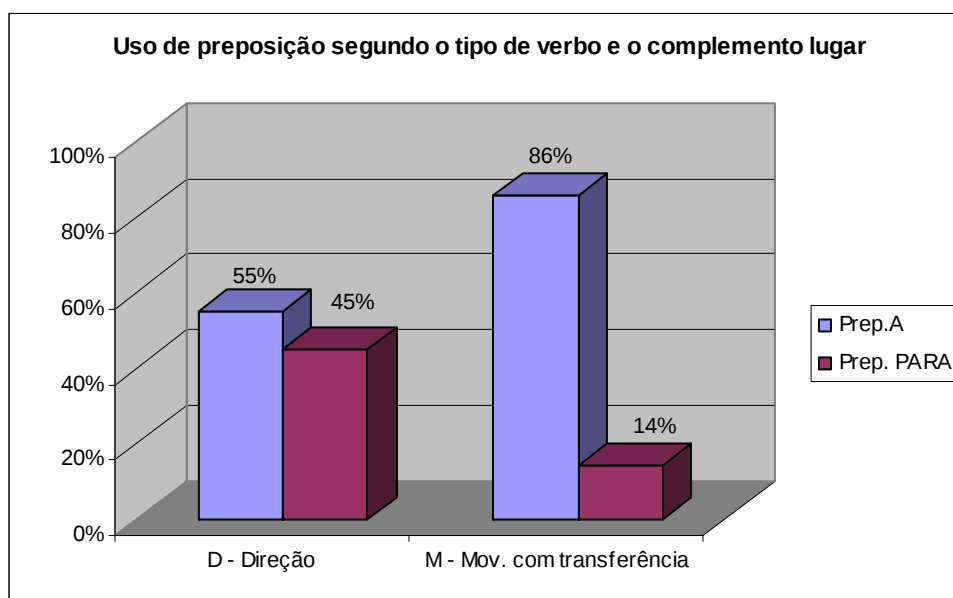


Gráfico 3. Uso de preposição segundo o *tipo de verbo* e o complemento *lugar*⁵

São exemplos de variação de preposição com o complemento de *lugar* as seguintes sentenças:

(02) Surprehendidos com a revelação, dirigimo-nos hontem **para o local**, e logo procuramos a casa de número indicado. (*O Combate*, p.03, 4/12/1918 – Uma casa fechada, mas com luz accesa dia e noite)

(03) Ao dirigir-se, cedo, **á rua João Adolpho**, onde o dr. Raphael Gurgel está construindo dois prédios [...]. (*O Combate*, p.03, 04/12/1918 – Roubaram de um deposito sete barricas de cimento)

O gráfico acima, ao relacionar o *tipo de verbo* com o complemento de *lugar*, nos demonstra que os verbos que indicam variação são os verbos de *direção* e de *movimento*

⁵ O gráfico 3 se baseia num total de 19 ocorrências, que estão distribuídas da seguinte maneira: 00 ocorrência do verbo de *transferência verbal*, 10 ocorrências do verbo de *direção*, e 08 ocorrências do verbo de *movimento com transferência*.

com transferência, o que confirma a tendência observada nos gráficos 1 e 2, isto é, esses predicadores indicam um caminho promissor para a descrição do processo de mudança lingüística.

5.2 Observações gerais – O Estado de São Paulo

Nessa etapa da pesquisa foram utilizados três exemplares do jornal *O Estado de São Paulo* (3/01/1910, 2/01/1915 e 2/01/1920), o que possibilitou a coleta de 50 dados que estão disponíveis no apêndice B deste relatório. Dos 50 dados coletados obtivemos apenas um com a preposição **até** (2%), 15 da preposição **para** (34%) e 34 da preposição **a**

Na categoria *tipo de complemento* obtivemos poucas ocorrências para os seguintes complementos: *noção abstrata* (05 ocorrências), *evento* (01 ocorrência) e *instituição* (03 ocorrências).

Na categoria *tipo de verbo*, temos a classificação verbo de *interesse*, que, nos dados coletados, ocorreu somente uma vez, os verbos de *transferência material* concentraram 03 ocorrências e os verbos de *interesse* apenas uma ocorrência

Por considerarmos as ocorrências da preposição **até**, dos complementos *noção abstrata*, *evento* e *instituição*, como também dos verbo de *interesse* e *transferência material* insuficientes para uma avaliação conclusiva, trabalharemos com uma análise mais aprofundada dos demais dados, isto é, os que apresentaram ocorrências mais significativas para o estudo, como a preposição **a** e a preposição **para**, verbos de *direção*, *movimento com transferência* e *transferência verbal*; e com os complementos *de lugar* e *ser animado*.

5.2.2 Uma análise mais específica dos dados

Em relação à *natureza do complemento*, apenas os complementos *de lugar* e *ser animado* apresentaram um número de ocorrências significativas (cf. gráfico 4).

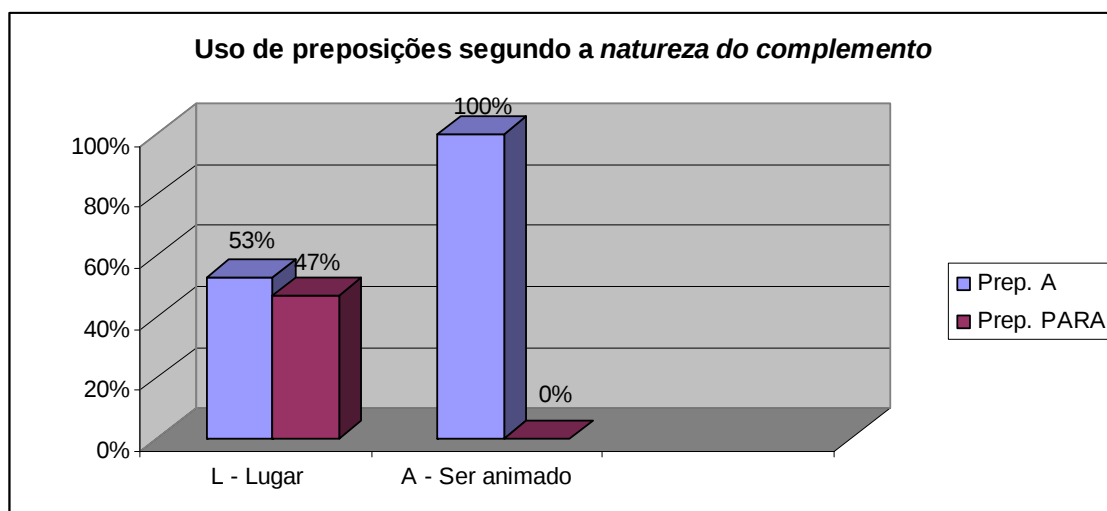


Gráfico 4. Uso de preposições segundo a natureza do complemento⁶

Dentro do grupo de fatores *tipo de verbo*, uma simples leitura dos números a seguir apresentados já nos sugere uma predominância da preposição **a** em relação à preposição **para**. Entretanto, é categórica a presença da preposição **a** quando relacionada ao verbo do tipo *transferência verbal* (100%). Já os predicadores de *direção* e de *movimento com transferência*, apresentaram uma porcentagem um pouco menor de ocorrência da preposição **a**, indicando que são ambientes mais propensos à variação, como podemos verificar no gráfico 5.

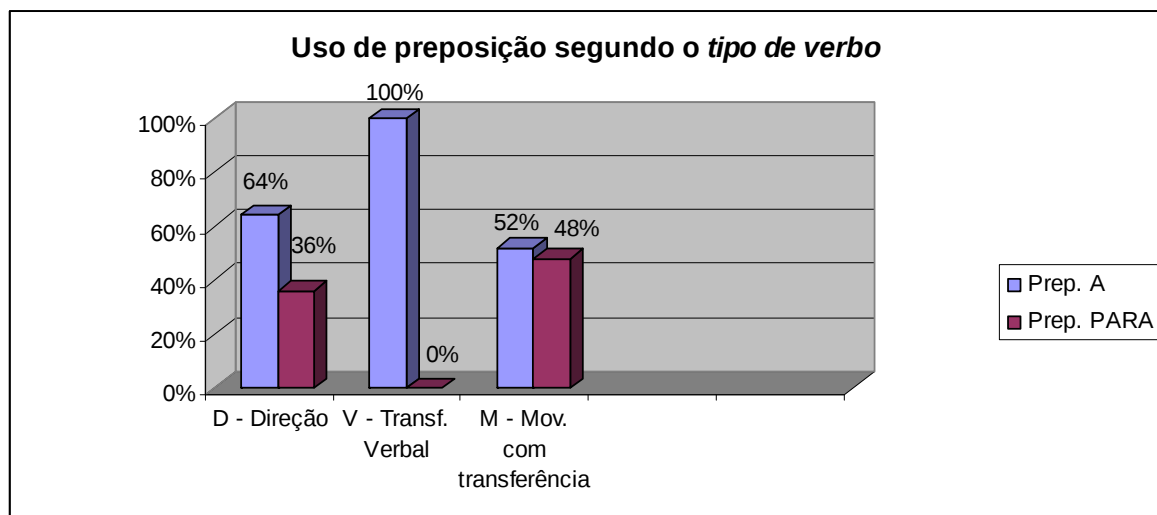


Gráfico 5. Uso de preposições segundo o tipo de verbo⁷

⁶ O gráfico 5 se baseia num total de 32 ocorrências, que estão distribuídas da seguinte maneira: 9 ocorrências do complemento *ser animado* e 32 ocorrências do complemento de *lugar*.

⁷ O gráfico 5 se baseia num total de 46 ocorrências, que estão distribuídas da seguinte maneira: 9 ocorrências do verbo de *direção*, 14 ocorrências do verbo de *transferência verbal* e 23 ocorrências do verbo de *movimento com transferência*.

Em relação ao *tipo de verbo* e a *natureza do complemento*, os dados analisados nos mostram a predominância da preposição **a**, entretanto, podemos observar variação nos grupos de fatores *tipo de verbo* e *natureza do complemento*, precisamente com os verbos de *direção* e *movimento com transferência*.

Ao voltarmos nossa atenção para os dados de complemento de *lugar*, o único complemento que apresentou índices de variação, temos as seguintes frequências, quando relacionados com o *tipo de verbo*:

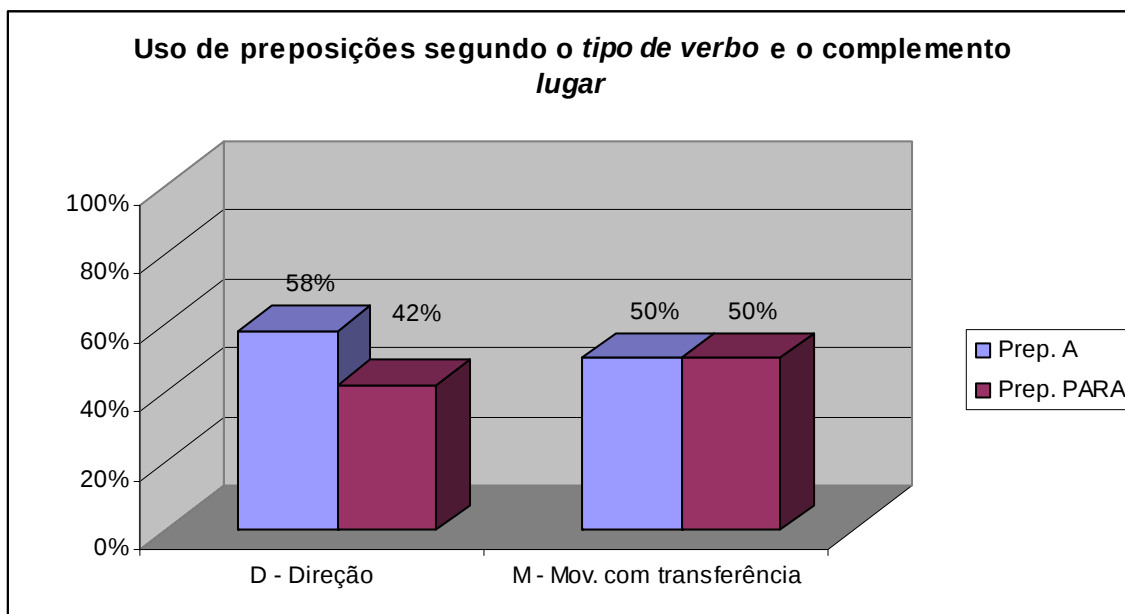


Gráfico 6. Uso de preposições segundo o tipo de verbo e o complemento lugar⁸

São exemplos de variação de preposição com o complemento de *lugar* as seguintes sentenças:

(04) Seguiu logo **para aquela casa de diversões** a promptidão da Central de Bombeiros, que, ao chegar alli, verificou não serem precisos os seus serviços.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.05 – Alarme de incendio)

(05) O navio conseguiu chegar **a Cardiff**, na manhã de hontem, tendo perecido afogados, por se terem lançado ao mar [...]. [*O Combate*, p.01, 02/01/1918 – O vapor “Taquary” foi torpedeado por um submarino]

Quando relacionado o *tipo de verbo* com complemento de *lugar*, podemos observar que os verbos que indicam a variação são os de *direção* e *movimento com*

⁸ O gráfico 6 se baseia num total de 32 ocorrências, que estão distribuídas da seguinte maneira: 12 ocorrências do verbo de *direção* e 20 ocorrências do verbo de *movimento com transferência*.

transferência, o que reitera a tendência observada nos demais gráficos, ou seja, esses verbos indicam um caminho promissor para a descrição desse processo de mudança lingüística.

6. UMA ANÁLISE COMPARATIVA: O Combate e O Estado de São Paulo

A contagem estatística dos dados oriundos dos dois jornais nos revelou um total de 107 ocorrências, distribuídas da seguinte maneira: 82 (77%) da preposição *a* e 24 (22%) da preposição *para*, 01(1%) da preposição *até* e nenhuma ocorrência da preposição *em*. Quando relacionado ao *tipo de predicator*, temos a predominância da preposição *a* nos verbos de *transferência verbal* e de *transferência material*. Já nos verbos de *direção* e de *movimento com transferência* podemos notar a variação com a preposição *para* (como ilustram os resultados apresentados na tabela 1).

Tipo de verbo	Ocorrências/Total	Porcentagem
Direção	20/31	64,5%
Transferência material	17/17	100%
Movimento com transferência	22/35	63%
Transferência verbal	22/23	96%

Tab. 01: Frequência de uso da preposição *a* segundo o *tipo de predicator*

Os exemplos (6-7) ilustram a alternância de preposições com os predadores de *direção*, enquanto os enunciados em (8-9) exemplificam a variação encontrada com os predadores de *movimento com transferência*:

(06) O navio conseguiu chegar *a Cardiff*, na manhã de ontem, tendo parecido afogados por se terem lançado ao mar [...] (*O Combate*, 1918)

(07) O cortejo, que se compunha de duzentas bandeiras, oito bandas musicais e de quase todas as pessoas que haviam tomado parte do meeting, dirigiu-se *para a Calle Florida* – onde tem a sua sede a “Union Civies”, a qual estava embandeirada a e enfeitada. (*O Estado de São Paulo*, 1910)

(08) [...] encontrou na estrada de Sucorym, dois indivíduos trajando vestes [...], desconhecidos, aos quais para o acompanharem até *à delegacia*. (*O Combate*, 1918)

(09) Um [...] da rua da Quitanda, vendo ontem entrar duas crianças na guarda da Delegacia Fiscal, onde pretendia pernoitar, pediu permissão ao cabo comandante e conduziu os menores *para a Policia Central*, apresentando-as ao delegado da noite. (*O Estado de São Paulo*, 1910)

Em relação à *natureza do complemento*, não houve variação em função dos seguintes fatores considerados: *instituição*, *ser animado*, *lugar abstrato* e *noção abstrata*; os complementos *ser animado* e *evento* apresentam poucas ocorrências de

alternância. Dessa maneira, o complemento com referência de *lugar* foi o único a apresentar variação significativa, conforme mostram os índices da tabela 2.

Natureza do complemento	Ocorrências/Total	Porcentagem
Lugar	37/60	62%
Ser animado	24/24	100%
Noção abstrata	8/9	89%
Instituição	11/11	100%

Tab. 02: Frequência de uso da preposição *a* segundo a *natureza do complemento*

Os dados em (9-10) ilustram a variação entre as preposições com o complemento de *lugar*:

(09) Os moradores, ao irromper entre nós a epidemia da gripe, haviam-se retirado *para o interior*, deixando a tomar-lhes conta uma velha negra, que desaparecera inopinadamente. (*O Combate*, 1918)

(10) De modo que há muitos dias não iam *á casa*, não sabiam dos paes e dormia nos desvãos de uma porta, em qualquer portal e lá uma vez ou outra, na casa da guarda da Delegacia. (*O Estado de São Paulo*, 1920)

Depois de fornecidas as informações pelo programa estatístico, veio a fase da interpretação. Notamos que os verbos de *direção* e de *movimento com transferência* assumiram a posição de contexto favorável para a ocorrência da variação, assim como o complemento de *lugar*. Tal tendência foi reafirmada quando cruzamos os dados referentes aos grupos de fatores *tipo de predicadores* e complemento de referência de *lugar*; uma simples leitura dos números nos mostrou que, das 60 ocorrências totais de tal complemento, 28 (48%) corresponderam ao verbo de *direção*, 28 (48%) do verbo de *movimento com transferência* e 04 (04%) ao verbo de *transferência material*. Em termos de alternância entre a preposição *a* e *para* obtivemos:

Tipo de verbo	Ocorrências/Total	Porcentagem
Direção	17/28	61%
Transferência material	4/4	100%
Movimento com transferência	16/28	57%
Transferência verbal	0/0	0%

Tab. 03: Frequência de uso da preposição *a* com complemento de *lugar*, segundo o *tipo de predador* que o introduz.

CONCLUSÃO

Diante de todos os dados aqui apresentados e levando em conta os objetivos propostos no início deste trabalho, podemos concluir que os resultados obtidos estão de acordo com as nossas primeiras expectativas. Ficou evidente que, dentre as quatro preposições estudadas – **a**, **até**, **em** e **para** –, foi a preposição **a** que apresentou maior frequência de uso. Entretanto, foram encontrados também casos em que as outras três preposições funcionam como introdutoras de complemento dos predicadores selecionados, porém em números menores.

Entre todos os grupos de fatores analisados há ainda a predominância da preposição **a**, podendo ser justificada, em termos extralinguísticos, pelo fato de essas produções pertencerem à chamada *Imprensa Majoritária*; isso significa que, por meio de construções mais próximas da norma-padrão, essas produções revelavam quais eram as expectativas em relação a um texto que se desejava formador de opinião, direcionado à camada da população letrada da época, escassa e em grande parte composta pela elite econômica.

Como a escrita, nesse momento, ainda é um “bem” acessível a uma pequena parcela da população, manter um ‘alto’ padrão de escrita no jornal corresponde a conservar os valores desse grupo elitista, além do que as discussões sobre a *língua brasileira* ocorriam todas dentro de um pequeno círculo de letrados composto por homens brancos e oligarcas. Eles compunham uma pequena dimensão quando comparada com o restante da população, constituída de mulheres e negros, de acesso nulo ou restrito a uma educação formal, e de inúmeros grupos sociais desprestigiados, correspondendo à grande maioria do povo brasileiro.

Levando-se em conta o fato de que poder e comunicação são fatores sempre atrelados, cremos poder ainda afirmar que a chamada *Imprensa Majoritária* “impunha”, de alguma forma, a linguagem a ser utilizada pela *Imprensa Negra*, fazendo com que aquela fosse considerada a melhor, e tornando-se, com isso, um padrão a ser seguido. Se há um poder controlador de tudo aquilo que vai ser dito e conseqüentemente daquilo a que as pessoas vão ter acesso e a que vão agregar valores, podemos dizer que, de certa forma, era isso o que ocorria com a *Imprensa Majoritária*, que influenciava grande parte de seus leitores determinando qual era e qual viria a ser a norma a ser usada, e, conseqüentemente estigmatizando o que fugia de tal norma. Cabe aqui retomar as palavras de Monteiro:

Assim sendo, uma vez que a variação lingüística pressupõe a valoração social, as variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas. E o preconceito é tanto mais forte quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminada. À proporção que passa a ser usada por outros grupos, o estigma vai diminuindo até deixar de existir completamente, se a variante é aceita pela classe dominante. (MONTEIRO, 2000, p.65)

O fenômeno de mudança linguística, tido dessa maneira, merece muito ser discutido porque é ele que provoca reações exacerbadas daqueles que possuem a crença de que a mudança - inerente a todas as línguas - significa “corrupção” e/ou “decadência” não somente da língua, como também dos valores morais dessa sociedade.

Por outro lado, apesar da predominância da preposição **a** e do fato de ela ser vista como uma norma a ser seguida, encontramos nos jornais a presença das outras preposições aqui estudadas (**até**, **em** e **para**), o que nos mostra de certa forma um distanciamento da norma estabelecida. Tal demonstração de uso diferente em relação à norma encontra justificativa no fato de a construção da língua estar também relacionada com a construção da história local. Assim, segundo Nora Múgica, a concepção de norma lingüística pode ser também aquela que é “*codificada socialmente, que reúne las realizaciones virtuales o potenciales de una lengua, que tendrán luego su expresión concreta em las realizaciones del hablante.*” (MÚGICA, 2007, p.4).

Com isso, se a norma é variável segundo os limites da comunidade considerada, encontramos justificativas que expliquem o fato de outras preposições serem também utilizadas pelos produtores do jornal. Fica claro, assim, que, apesar do uso freqüente daquilo que é tido como “mais correto”, tem-se aqui o início de uma alternância, mesmo que isso implique na criação de uma nova norma.

Tomando-se a variação como um fenômeno social, em um conjunto de uma comunidade de falantes, podemos dizer que, dentro dessa comunidade, cada falante torna-se responsável pela criação de uma outra norma, considerada com uma norma individual. Segundo Múgica

La norma es, en efecto, un sistema de realizaciones obligadas, de imposiciones sociales y culturales, y varía según la comunidad. Dentro de la misma comunidad lingüística nacional y culturales, y dentro del mismo sistema funcional pueden comprobarse varias normas (lenguaje familiar, lenguaje popular, lengua literaria, lenguaje elevado, lenguaje vulgar, etcétera) distintas sobre todo por lo que concierne al vocabulário pero a menudo también en las formas

gramaticales y en la pronunciación. [...] (COSERIU apud MÙGICA, 2007, p.05).

Quando considerados aspectos internos da língua, o estudo da variação das preposições nos comprovou que estamos diante de uma mudança em fase de implementação; em outras palavras, estamos diante do que Faraco (2005, p.26) chamou de “escala progressiva de implementação de mudanças”: isto é, as mudanças se desencadeiam na fala informal de grupos socioeconômicos intermediários, avançando para fala de grupos mais altos nessa estrutura, chegando a situações formais da fala e só então começam a ocorrer na escrita.

Dessa maneira, o quadro de nossa pesquisa encontrou algumas marcas de configuração de mudança, quando realçada a alternância entre as preposições **para** e **a**, representantes de um conflito no qual a forma mais antiga, denominada *conservadora* (preposição **a**), pode terminar sendo substituída pela forma mais recente, ou *inovadora*, no caso a preposição **para**. Esse processo também pode ocorrer devido à alta amplitude de usos da preposição **a**, que leva a um certo esvaziamento semântico, gerando assim, a modificação dessa forma.

Uma reflexão mais demorada sobre esses resultados nos conduz a questionar por quais motivos a classe gramatical de base condicionaria a escolha da preposição **a**, questionamento esse que encontrou uma pronta resposta quando consultada uma gramática da época (PEREIRA, 1956), que já em seu prólogo apresenta uma lista de escritores consagrados e nos diz que eles aprovam a utilização de todas as “regras” ali contidas; em suas partes dedicadas ao funcionamento das estruturas sentenciais, termos como “incorreto dizer-se”, “condenável o uso” são recorrentes, o que fomentava, e talvez ainda hoje fomenta, critérios dicotômicos de certo e errado, cristalizando formas e reiterando a imagem de que o indivíduo que faz uso e domina a língua-padrão possui, naturalmente, um valor mais alto e ingressa com maior facilidade no ambiente social dos que detém o poder.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M.(1953) **Estética da criação verbal**. Trad. de M. E. Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BERLINCK, R. de A. Relatório final do Projeto '*Complementos preposicionados no português paulista do século XIX*'. 2003.

BERLINCK, R. de A. Crônica e relatos de viagens: fontes para o estudo da história da língua. In: MURAKAWA, C. de A. A.; GONÇALVES, M.F. (orgs) **Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 11-27.

CÂMARA Jr, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CONTIER, A. D. **Imprensa e Ideologia em São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1979.

DUARTE, P. **História da Imprensa em São Paulo**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1972.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

KINDERMANN, C. A. **A reportagem jornalística no jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero**. Dissertação apresentada à Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão: 2003.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelpgia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol.1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishes, 1994.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2005.

MATTOS E SILVA. R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS e SILVA, R. V. Introdução In:_____. **Caminhos da Linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 07-26.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MÙGICA, N. **Acerca de la tensión norma – variación lingüística**. Sintaxis, morfologia, léxico. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol.5. n. 9. 2007.

PEREIRA, E. C. **Gramática expositiva**. Curso superior. 97 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956 [1907].

RIBEIRO, E. C.; **Serões grammaticaes ou Nova grammatica Portugueza**. 6 ed. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955 [1890]

SILVEIRA, M. I. M. *A evolução e a diversificação do conceito de gênero*. In:_____. **Análise de gênero textual: Concepções Sócio-Retórica**. Maceió: UFAL, 2005. p. 47-68.

SEABRA, R. **Imprensa e Poder**. Brasília: Editora UnB, 2002.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

APÊNDICE A – O Combate

(0ADL (O navio conseguiu chegar a **Cardiff**, na manhã de hontem, tendo perecido afogados, por se terem lançado ao mar [...].)) [O Combate, p.01, 02/01/1918 – O vapor “Taquary” foi torpedeado por um submarino]

(0ATL (O navio conseguiu chegar a Cardiff, na manhã de hontem, tendo perecido afogados, por se terem **lançado ao mar** [...].)) [O Combate, p.01, 02/01/1918 – O vapor “Taquary” foi torpedeado por um submarino]

(0ATL (O vapor “Taquary” deixou o Rio de Janeiro no dia 26 de Outubro, com carregamento de vários gêneros **destinados ao Havre**, fazendo escala por Santos, onde chegou a 28 de abril.)) [O Combate, p.01, 02/01/1918 – O vapor “Taquary” foi torpedeado por um submarino]

(0ATA (A paz que querem os Impérios Centraes equivaleria à volta do “statu quo ante bellum” e deixaria **aos inimigos** a faculdade de prepararem um novo período de ameaças e o reinado do terror na Europa.)) [O Combate, p.01, 02/01/1918 – A conferencia de Brest- Litovsk]

(0AML (encontrou na estrada de Sucorym, dois individuos trajando vestes [...], desconhecidos, aos quaes convidou para o acompanharem até à **delegacia**..)) [O Combate, p.03, 02/01/1918 – Como elles andam]

(0ATL (aquella autoridade fel os recolher **ao xadrez** e pediu instrucções a respeito à delegacia geral.)) [O Combate, p.03, 02/01/1918 – Como elles andam]

(0AVX (aquella autoridade fel os recolher ao xadrez e pediu instrucções a respeito à **delegacia geral**..)) [O Combate, p.03, 02/01/1918 – Como elles andam]

(1PDL (por estar envolto no caso do extravio de peças dos navios ex allemães seguiu **para o Rio** o dr Heitor de Moraes afim de impetrar ao Supremo Tribunal Federal novo pedido de “habeas corpus”.)) [O Combate, p.03, 02/01/1918 – O caso Reismann]

(0AVX (por estar envolto no caso do extravio de peças dos navios ex allemães seguiu para o Rio o dr Heitor de Moraes afim de impetrar **ao Supremo Tribunal Federal** novo pedido de “habeas corpus”.)) [O Combate, p.03, 02/01/1918 – O caso Reismann]

(0AML (Até à hora em que escrevemos não havia **regressado ao local**, o dr. Alonso de Negreiros Guimarães, delegado de dia, que para alli se dirigiu, em companhia dos médicos drs. Rebello Netto, legista e Carvalho Braga, da Assistencia.)) [O Combate, p.03, 02/01/1918 – Uma mulher foi atingida por um tiro de rarabina Mauser]

(1PDL (Até à hora em que escrevemos não havia regressado ao local, o dr. Alonso de Negreiros Guimarães, delegado de dia, que **para alli se dirigiu**, em companhia dos médicos drs. Rebello Netto, legista e Carvalho Braga, da Assistencia.)) [O Combate, p.03, 02/01/1918 – Uma mulher foi atingida por um tiro de rarabina Mauser]

(0AVA (O secretario da Agricultura communicou **ao da Fazenda**, que o Governo acaba de ser informado de que oito locomotivas [...]).) [*O Combate*, p.03, 02/01/1918 – Locomotivas para a Sorocabana]

(1PDB (O sr. Herculano está arriscado a não poder **ir para a pista** correspondente à que lhe encube no quatiennio Hermes.)) [*O Combate*, p.01, 03/12/1918 – A comissão directora cogita a arrannjar substituto para o conselheiro]

(1PDX (só póde ser substituido, por outro “lacerdista”, isto é, que, a sahir o ser El y Chaves, deve ir **para a Justiça** o sr. Mano Tavares.)) [*O Combate*, p.01, 03/12/1918 – A comissão directora cogita a arrannjar substituto para o conselheiro]

(0AML (Assim, começou dizendo que obrigou o pae a **descer ao porão**, porque elle, num forte accesso, ameaçava maltratar sua mãe.)) [*O Combate*, p.01, 03/12/1918 – A gripe enlouqueceu uma família inteira]

(0AVA (Ernesto **pediu à mãe** que fosse buscar uma colher.)) [*O Combate*, p.01, 03/12/1918 – A gripe enlouqueceu uma família inteira]

(0AVA (Não conseguiu, porém, como nós, descobrir quem é o individuo que foi **communicar à nora** do pedreiro a morte do sogro.)) [*O Combate*, p.01, 03/12/1918 – Enterrado vivo!]

(0AMN (Lemos, nesse sentido, uma informação official, **levada ao conhecimento** da justiça orphanologica, sendo certo, entretanto, que não podia ter deixado de verdicicar-se, naquelle período e naquella enfermaria, pelo menos uma duzia de fallecimentos...)) [*O Combate*, p.01, 03/12/1918 –]

(0AML (Levado **ao necroterio** da Central, só mais tarde é que a familia soube do triste desenlace, reclamando o cadaver.)) [*O Combate*, p.03, 03/12/1918 – Os desesperados]

(0ATX (O quarto foi i sr. Manuel Thiago Corrêa Mazagão, que offereceu **dez contos à Santa Casa** com a condição de obter a indicação do directorio local.)) [*O Combate*, p.01, 04/12/1918 – O cartório de paz de S. Carlos]

(1PML (Os moradores, ao irromper entre nós a epidemia da gripe, haviam-se retirado **para o interior**, deixando a tomar-lhes conta uma velha negra, que desaparecera inopinadamente.)) [*O Combate*, p.03, 4/12/1918 – Uma casa fechada, mas com luz accessa dia e noite]

(1PDL (Surprehendidos com a revelação, dirigimo-nos hontem **para o local**, e logo procuramos a casa de número indicado.)) [*O Combate*, p.03, 4/12/1918 – Uma casa fechada, mas com luz accessa dia e noite]

(0ATA (Foram entregues ate agora, **aos aliados**, 1200 aeroplanos allemães, sendo que só na segunda feira os tudeosos apresentaram às autoridades aliadas em Treves mil desses aparelhos.)) [*O Combate*, p.03, 04/12/1918 – Os allemães já entregaram aos aliados mil e duzentos aeroplanos]

(0AVA (Foram entregues ate agora, aos aliados, 1200 aeroplanos allemães, sendo que só na segunda feira os tudeosos apresentaram **às autoridades aliadas** em Treves mil desses aparelhos.)) [*O Combate*, p.03, 04/12/1918 – Os allemães já entregaram aos aliados mil e duzentos aeroplanos]

(0ADL (Ao dirigir-se, cedo, **á rua João Adolpho**, onde o dr. Raphael Gurgel está construindo dois prédios [...].)) [*O Combate*, p.03, 04/12/1918 – Roubaram de um deposito sete barricas de cimento]

(0ADL (o grande número de passageiros que vem do interior do Estado com destino à Lapa e Água branca, não terá mais necessidade de ir até **ao centro** para de novo voltar à Lapa.)) [*O Combate*, p.01, 01/03/1918 – Estação da Sorocabana na Lapa]

(0ADL (o grande número de passageiros que vem do interior do Estado com destino à Lapa e Água branca, não terá mais necessidade de ir até ao centro para de novo voltar **à Lapa.**)) [*O Combate*, p.01, 01/03/1918 – Estação da Sorocabana na Lapa]

(0ADN (Novas proezas do carcereiro-ajudante chegam **ao nosso conhecimento.**)) [*O Combate*, p.02, 01/03/1918 – Continuam os desmandos do carcereiro-ajudante]

(1PAL (Funcionarios da hygiene paulista eram destacados **para Recife** e para o Rio, viajavam nos vapores até Santos [...].)) [*O Combate*, p.01, 01/11/1918 – A “influenza hespanhola” em São Paulo]

(1PAL (Funcionarios da hygiene paulista eram destacados para Recife e **para o Rio**, viajavam nos vapores até Santos [...].)) [*O Combate*, p.01, 01/11/1918 – A “influenza hespanhola” em São Paulo]

(1TDL (Funcionarios da hygiene paulista eram destacados para Recife e para o Rio, viajavam nos vapores **até Santos** [...].)) [*O Combate*, p.01, 01/11/1918 – A “influenza hespanhola” em São Paulo]

(0AVX (Não é ainda possível publicar na integra as condições do armistício, mas posso communicar **à Camara** que o accordo comprehende a livre passagem para as esquadras aliadas através do Bosphoro para o mar negro.)) [*O Combate*, p.01, 01/11/1918 – A rendição da Turquia]

(0ATA (Entretanto, devia ter sido dado um aviso **ao publico** para que os passageiros dos arrabaldes não perdessem tempo a esperar inutilmente os bondes cujo horário foi desorganizado.)) [*O Combate*, p.03, 01/11/1918 – A redução dos bondes]

(0AME (O dr. Washington Luis aconselhou-os a apresentar fundamentadamente as suas reclamações e prometeu encaminhal-as **ao exame da Junta da Alimentação.**)) [*O Combate*, p.01, 02/10/1918 – Os padeiros e açougueiros]

(0ATE (Não basta, porém, enviarmos os nossos irmãos **á morte nas trincheiras da França.**)) [*O Combate*, p.01, 01/11/1918 – Vamos para a guerra]

(0ATA (Entretanto, apesar de toda a nossa solidariedade na guerra com os aliados, estes allemães continuam a fornecer **às nossas autoridades** [...].)) [*O Combate*, p.01, 01/11/1918 – Vamos para a guerra]

(1PDL (De Roulers os anglo-belgas vão irradiar **para Thourout e Menin**..)) [*O Combate*, p.01, 01/11/1918 – Vamos para a guerra]

(0AML (Uma mulher, residente nas immediações, viu Ferrari levar os pretensos fazendeiros **à casa das irmãs Milsteio**, pouco antes das 11 horas da noite, não tendo o presidente do Club dos Democráticos penetrado na alludida casa.)) [*O Combate*, p.01, 02/09/1918 – Terrível vingança de uma proprietária de alcouce]

(0ATI (De tal modo que as boccas-de-lobo do Piques, em vez de dar vasão **às águas pluvias** as despejam no lago [...].)) [*O Combate*, p.01, 02/09/1918 – O Piques não será mais inundado?]

(0ATL (A prefeitura manda-os **à repartição** de Aguas.)) [*O Combate*, p.01, 02/09/1918 – O Piques não será mais inundado?]

(0AVA (De Moscou telegraphan que a propósito do attentado praticado contra o ser. Lenine, o “Prada” assignado peo ser. Swerloff, pedindo **aos operários** que se mantemna calmos.)) [*O Combate*, p.03, 02/09/1918 – A morte de Lenine]

(0AVE (A declaração do sr. Serçpff de que a classe operaria responderá **ao attentado** com a implantação do terrorismo impiedoso, não é uma ameaça vã.)) [*O Combate*, p.03, 02/09/1918 – A morte de Lenine]

(0ATA (Nesse sentido, s. exa. Deve enviar hoje uma carta **ao conselheiro Rodrigues Alves**, por intermédio do dr. Rodrigues Alves Filho.)) [*O Combate*, p.01, 09/12/1918 – Ficaremos sem representação no Congresso das Nações?]

(1PDL (Cerca de 4 horas da manhã de hontem quando o padeiro Casimiro Machado se dirigia, conduzindo uma carrocinha de mão, **para o estabelecimento onde trabalha**, a confeitaria Apollo [...].)) [*O Combate*, p.01, 09/12/1918 – Cinco “secretas” espancam desalmadamente um pobre padeiro]

(0AVX (segundo queixa apresentada **à policia** de soffrer uma aggressão por parte da familia daquelles, que dessas intenções chegaram a fazer um certo alarde.)) [*O Combate*, p.01, 09/12/1918 – As ameaças de morte de que Messana se diz alvo]

(0AML (Aos gritos de socorro soltados pelo desventurado, lançou-se **ao rio** o sr. Alfredo Maria Barreto [...].)) [*O Combate*, p.03, 09/12/1918 – Banho forçado]

(0ATA (Chamada a assistencia, esta compareceu rapidamente ao local do desastre, ministrando **à victima** os socorros médicos de que ella carecia.)) [*O Combate*, p.03, 09/12/1918 – Banho forçado]

(0AVX (Na quarta-feira ultima, o italiano José Della apresentou-se **à policia** e queixou-se do desaparecimento de seu filho menor, de nome de Generoso.)) [*O Combate*, p.03,

02/02/1918 – Um menor desapareceu e suas roupas foram encontradas á margem do rio Tietê]

(0AVX (Suspeitando tratar-se de uma pessoa que tivesse perecido afogada naquelle rio, o [...] deu pressa em communicar o facto **á policia.**)) [*O Combate*, p.01, 02/02/1918 – Um menor desapareceu e suas roupas foram encontradas á margem do rio Tietê]

(0ADL (Ahi não a encontrando, invadiram os aposentos particulares do dono do negocio, indo até **ao seu dormitorio**, onde deram uma busca, aprehendendo a machina.)) [*O Combate*, p.01, 06/07/1918 – Apprehensão de “caça-nickeis” que redunde em furto?]

(0ADL (A ancia de regressar **á Europa**, pois a terrível companha submarina isolou durante longos annos milhares de pessoas dessa vontade, está fazendo com que seja enorme a procura de passagens nos primeiros transatlanticos.)) [*O Combate*, p.01, 05/12/1918 – Todos querem ir para Europa]

(0ATA (O dr. Reynaldo Porchat, advogado do Mosteiro de S. Bento, dirigiu a seguinte carta **ao Sr. Luiz Ruzica** [...].)) [*O Combate*, p.01, 01/06/1918 – Os frades de S. Bento]

(0ATA (Ao que podemos saber, ficou assentado dirigir-se uma representação **ao presidente da Republica**, protestando contra a referida reorganisação.)) [*O Combate*, p.03, 01/06/1918 – Uma reunião de officiaes para tratar do assumpto]

(0AMX (Segundo ouvimos, é provavel que a questão seja levada **ao poder judiciário**, pleiteando se a incostitucionalidade da criação de 2ª linha, pois o pacto de 24 de fevereiro só se refere expressamente à “Guarda Nacional ou milícia cívica”.)) [*O Combate*, p.03, 01/06/1918 – Uma reunião de officiaes para tratar do assumpto]

(0ATA (O sr. delegado geral expediu a seguinte circular **aos delegados de policia do Estado.**)) [*O Combate*, p.01, 01/04/1918 – Protecção aos animaes]

APÊNDICE B – O Estado de São Paulo

(0ADL (João da Costa Pimenta resolveu deixar o Rio Grande, seguindo para **a Capital Federal**, onde acaba de chegar.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Repressão do anarquismo”)

(0AVA (Ahi fui apresentado **ao sr. Virgilio do Nascimento**, que de mim indagou do paradeiro de meu camarada que recebera da policia carioca e viajara em minha companhia.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Repressão do anarquismo”)

(0AMA (Chegados a Santos, fomos levados **ao posto policial** de Villa Mathias, a um de cujos calabouços fomos recolhidos, depois de rigorosamente revistados.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Repressão do anarquismo”)

(0AML (Cerca de 4 horas da tarde retiraram-nos do xadrez e nos conduziram a **um pateo próximo**.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Repressão do anarquismo”)

(0AML (Depois de supplicado, Everardo foi novamente recolhido **ao xadrez**, para sahir dahi e momentos com destino ao exílio a que condemnaram os seus rancorosos antigos inimigos políticos.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Repressão do anarquismo”)

(0ADN (Depois de supplicado, Everardo foi novamente recolhido ao xadrez, para sahir dahi e momentos com destino **ao exílio** a que condemnaram os seus rancorosos antigos inimigos políticos.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Repressão do anarquismo”)

(1PDL (Seguiu logo **para aquella casa de diversões** a promptidão da Central de Bombeiros, que, ao chegar alli, verificou não serem precisos os seus serviços.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.05 – Alarme de incendio)

(0AML (A victima no accidente, sendo arremessada **ao solo**, recebeu ferimentos contusos nos lábios, no nariz, no queixo, nos joelhos e na cabeça.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.05 – Atropelamento)

(0AML (A victima foi soccorida **ao posto** da Assistência pelo medico do serviço dr. Proença Gouveia.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1910, p.05 – Desastres e ferimentos)

(0AVA (Durante a festa estiveram presentes vários representantes da Companhia Antartica, os quaes dispensaram toda a sorte de atenções **às pessoas convidadas**.)) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/19010, p.05 – Festa dos viajantes no Parque Antartica)

(1PML (Segundo as estatisticas do anno findo, zarparam da Almeria (província de Granada), 55 vapores, conduzindo 11.205 emigrantes **para a Republica Argentina**.)) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.02 – Exterior “Emigração para a Argentina”)

(0ATX (O governo chinês notificou **ao governo português** que se recusa, formalmente, a submeter a arbitragem a questão de limites do Macau.)) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.02 – Exterior “China”)

(1PDL (O cortejo, que se compunha de duzentas bandeiras, oito bandas musicais e de quasi todas as pessoas que haviam tomado parte do meeting, dirigiu-se **para a Calle Florida** – onde tem a sua sede a “Union Civies”, a qual estava embandeirada a e enfeitada.)(*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.02 – Exterior “Argentina”)

(0AML (Tres pessoas caíram enregeladas nas ruas da cidade, sendo recolhidas **ao hospital**.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.02 – Exterior “Portugal”)

(0AVA (Disse o preto **ao negociante** que os botões eram trazidos por um marinheiro, que os passava sem pagar direitos, contanto que o comprador fosse recebê-los na rampa do Valongo em hora combinada previamente.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Falso contrabando”)

(0ADL (Voltando **ao local**, e ahi ainda encontrando o seu desaffecto, contra elle disparou a arma.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Tiro de espingarda”)

(0ADL (Depois do acontecimento, Geórgia compareceu **ao posto policial de Bom Retiro**, queixando-se ao sr. dr. Cardoso Franco, que a mandou submeter a exame de corpo de delicto.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Entre amantes”)

(0AVA (A autoridade tomou por termo as declarações da menor e, hoje, apresental-a-á **ao dr. Clementino de Castro**, juiz de orphans, para as devidas providencias.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Entre amantes”)

(0AVA ([...] queixou-se **ao dr. Alarico Silveira**, quinto delegado, de que sua filha de nome Fortuna, de 17 annos de idade, fugira de casa, hontem ás 7 horas da manhã, seduzida pelo individuo Salvador Montoni [...].) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Queixa á policia”)

(0ATN (O quinto delegado remetterá hoje **ao júzo criminal** o inquérito policial instaurado contra os individuos Antonio de tal e David de tal, que aggrederam a faca e feriram levemente Abrahão Narsi.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas)

(0AVA (Um [...] da rua da Quitanda, vendo hontem entrar duas crianças na guarda da Delegacia Fiscal, onde pretendia pernoitar, pediu permissão **ao cabo commandante** e conduziu os menores para a Policia Central, apresentando-as ao delegado da noite.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Crianças em abandono”)

(1PML (Um [...] da rua da Quitanda, vendo hontem entrar duas crianças na guarda da Delegacia Fiscal, onde pretendia pernoitar, pediu permissão **ao cabo commandante** e conduziu os menores **para a Policia Central**, apresentando-as ao delegado da noite.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Crianças em abandono”)

(0AVA (Um [...] da rua da Quitanda, vendo hontem entrar duas crianças na guarda da Delegacia Fiscal, onde pretendia pernoitar, pediu permissão ao cabo commandante e conduziu os menores para a Policia Central, apresentando-as **ao delegado da noite.**) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Crianças em abandono”)

(0ADL (De modo que há muitos dias não iam **á casa**, não sabiam dos paes e dormia nos desvãos de uma porta, em qualquer portal e lá uma vez ou outra, na casa da guarda da Delegacia.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Crianças em abandono”)

(0AIN (E ficou muito serio para mostrar **á autoridade** que não gostou do qualitativo que lhes deu.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Crianças em abandono”)

(0AML (É uma medida muito acertada o que se deveria estender a outros chefes de famílias, muitos dos quaes se acoostumaram a deixar os filhos na rua desde pela manha até á noite, contando que elles recolham **á casa** com o producto de uma mendicidade que as crianças cultivam o raramente abandonam.) (*O Estado de São Paulo*, 03/01/1910, p.04 – Notícias diversas “Crianças em abandono”)

(1PML (Depois de lhe ser apprehendida a arma, o aggressor foi levado **para a Policia Central**, procedendo-se ao auto da prisão em flagrante.) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1915, p. 05 – Notícias diversas “Assassinato”))

(1PML (A vista do seu estado, o medico da Assistência mandou removel-o **para o Hospital da Misericórdia**, onde veio à fallecer pouco depois.) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1915 p. 05 – Notícias Diversas “Lamentável desastre”)

(0AMN (Amélia não quiz explicar os motivos que a levaram **á prática do desatino.**) (*O Estado de São Paulo*, 02/01/1915 – Notícias Diversas “Tentativas de suicidio”)

(1PML (Após ligeira palestra na gare, encaminharam-se todos **para o pateo da estação.**) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 01/01/1910 – Notícias diversas – “Hospedes illustres”]

(0AML (Os officiaes da marinha franceza e o sr. Lacombe receberam naquelle hotel novos cumprimentos, recolhendo-se depois **aos seus aposentos para descansar.**) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 01/01/1910 – Notícias diversas – “Hospedes illustres”]

(1TML (Após breve palestra, os visitantes retiraram-se do palácio, sendo acompanhados **até á porta pelo sr. capitão Godoy**, ajudante de ordens do sr. presidente do Estado.) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 01/01/1910 – Notícias diversas – “Hospedes illustres”]

(0AVA (O sr. contra-almirante Auvert declarou **ao sr. conselheiro Prado** que saudava a cidade de S. Paulo, na sua pessoa, pois a s. exa., como prefeito municipal, era della que o seu legitimo representante.) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 01/01/1910 – Notícias diversas – “Hospedes illustres”]

(1PDL (Da Prefeitura, partiram todos **para o Quartel da Luz**, onde tiveram occasião de assistir a varias evoluções do primeiro batalhão e corpo de cavallaria, sob a direcção dos

officiaes da missão franceza.) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 01/01/1910 – Notícias diversas – “Hospedes illustres”]

(0ADL (Avisada a policia, compareceram promptamente **ao local os dr. [...] Silveira, quinto delegado, e Xavier de Barros, medico legista de serviço Central.**)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 01/01/1910 – Noticias diversas “Morreu de Susto”]

(0AVA (S. exa. era de opinião de que se devia pedir informações **ao delegado** acusado de praticar violências.)) [*O Estado de São Paulo*, p.01 , 02/01/190 – O caso do Estado do Rio]

(0ADL (O italiano operário Guilherme Lodi, morador á avenida A, n.6, em Villa Mariana, dirigiu-se ás 3 horas da tarde de hontem **ao armazém de Francisco Pellegrine**, á rua França Pinto, 4, afim de comprar uma garrafa de vinho.)) [*O Estado de São Paulo*, p.03 , 02/01/190 – Rixa por uma divida]

(0AVX (Depois do acontecimento, Guilherme apresentou-se **á autoridade do districto**, que providenciou para o inicio do inquérito, mandando submeter a victima a exame de corpo de delicto.)) [*O Estado de São Paulo*, p.03 , 02/01/190 – Rixa por uma divida]

(0AML (Aos apitos de socorro acodiram outros policiaes, que conseguiram prender todos os cinco indivíduos, conduzindo-os **ao posto policial do Braz**, onde foram recolhidos ao xadrez, á ordem do dr. Alarico Silveira, quinto delegado.)) [*O Estado de São Paulo*, p.03, 02/01/190 – Desordem em um botequim]

(0AML (Aos apitos de socorro acodiram outros policiaes, que conseguiram prender todos os cinco indivíduos, conduzindo-os ao posto policial do Braz, onde foram recolhidos **ao xadrez**, á ordem do dr. Alarico Silveira, quinto delegado.)) [*O Estado de São Paulo*, p.03, 02/01/190 – Desordem em um botequim]

(1PML (Vendo extendidos sobre o chão os feridos, o dr. [...], com extraordinário solicitude, transformou o seu automovel em ambulância e conduziu todas as victimas do trabalho **para o hospital de Santa Catharina**, onde lhes prestou os necessários socorros [...].)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/190 – As victimas do trabalho]

(0ADL (O Dr. Euclides Silva, segundo delegado, tendo pouco depois communicação da lamentável occorrença, compareceu com presteza **ao convento dos capuchinhos**, levando em sua companhia os sr.s dr. Ronorio Libero, medico legista e o escrivão [...]) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/190 – As victimas do trabalho]

(0AML (O cadáver do infeliz Severino del Nero foi, ás 11 horas, removido do local do desastre **para o necrotério da Policia Central.**)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/190 – As victimas do trabalho]

(0ATX (Ás 6 horas da tarde foi o cadáver entregue **á familia**, que hoje, ás 3 jpras da tarde, fará o enterro.)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/190 – As victimas do trabalho]

(1PDL (Quem, passando pela avenida Paulista, lançava um olhar **para o templo em construção**, via logo que a velocidade com que eram feitos os trabalhos havia cedo ou

tarde de produzir os seus efeitos.)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/190 – As victimas do trabalho]

(1PDL (Ainda ao dia de hontem, como se vê no registro dos factos policiaes, tivemos um terceiro desastre, também de conseqüências funestas e que custou a vida de um pobre homem trabalhador italiano, de [...] anos de idade, e que [...] há muito pouco tempo, veio **para o Brasil**, aqui se entregando aos [...].)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/190 – Mais um desastre]

(1PML (Cerca de 3 horas da tarde, esse pobre homem, que se chamava Carlos do Michelo, guiava [...], n.76, que transportava uma parteira, mme. Antonia Salani, **para a rua Jaguaribe, 3.**)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/190 – Mais um desastre]

(1PML (O [...] legista da policia, sr. dr. Alfredo de Castro, attendendo á requisição da autoridade do districto, sr. dr. Virgilio do Nascimento, transportou-se **para o Hospital**, ahi procedendo ao exame [...].)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/190 – Mais um desastre]

(1PML (Conduz depois a criança **para o interior da casa**, ao mesmo tempo que vão chamar o dr. Stapler, aquella hora no hospital Beneficiencia Portuguesa)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/1910 – Desastre lamentavel]

(1PME (A requerimento do vereador dr. Bernardo de Campos, foi transferida **para a próxima sessão** a discussão do projecto apresentado pelas mossões de obras e finanças, em seus pareceres ns. 37 e 123, autorisando a despesas de [...] réis com as obras de alargamento e reconstrucção dos passeios da alameda dos Andradas.)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/1910 –Camara municipal]

(0ADN (Quando se preparava para [...] saiu-lhe **ao encontro** o agente Santos Pinto, que, auxiliado por algumas praças, conseguiu botar-lhe as mãos.)) [*O Estado de São Paulo*, p.05, 04/01/1910 – Falso contrabando]